



RUA
LARGA

RUA
LARGA

N
AVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO!² |
XIV SEMANA CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
REVISTA DA RETÓRICA
NÚMERO 34 MARÇO 2012
www.ucc.pt/rualarga
rualarga@ciucc.pt

XIII SEMANA
REVISTA DA F
NÚMERO 34
AVEGA

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORES
Marta Poiares e Pedro Dias da Silva

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Sérgio Brito e Sérgio Temido
[DIIC - Divisão de Identidade,
Imagem e Comunicação]

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

COORDENAÇÃO
ADMINISTRATIVA
Ilídio Barbosa Pereira

EDIÇÃO
DIIC - Divisão de Identidade,
Imagem e Comunicação

Palácio dos Grilos • Apartado 3020
EC Universidade de Coimbra
3001-401 COIMBRA • PORTUGAL

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro, S.A.

TIRAGEM
3.200 ex.

ISSN
1645-765x • Anotado no ICS

CAPA
Fotografia © João Armando Ribeiro

www.uc.pt/rualarga
Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso
TAGV

RUA LARGA

EDITORIAL

Destino na Travessia - P.05

João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO

Aprender não é “fazer cadeiras”... é coconstruir conhecimento(s) - P.08

Madalena Alarcão

A produção de Conhecimento - P.10

Amílcar Falcão

OFICINA DOS SABERES

ATUAL

Semana Cultural da UC - P.15

Clara Almeida Santos

Programa Semana Cultural da UC - P.16

Fernando Calhau:

o mergulho do olhar - P.22

Isabel Nogueira

Lusofalante - Um programa de rádio da língua portuguesa - P.24

Elizah Rodrigues

IMPRESSÕES

Repercussões da Viagem em Camões - P.26

José Carlos Seabra Pereira

Pensar fora da caixa - A importância das indústrias criativas para a economia nacional - P.30

João Barros

Aventura, ciência e saber no centenário da chegada ao Pólo Sul - P.32

Sérgio Neto

A atividade física na dança dos anos e das idades - P.34

Raul A. Martins

RIBALTA

APEB/Coimbra - Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra - P.36

Viviane Carrico

O IMAR - Centro do Mar e Ambiente da Universidade de Coimbra - P.38

João Carlos Marques

CIÊNCIA REFLETIDA

A Economia Solidária, os investigadores sociais e a crise - P.40

Pedro Hespanha e Luciane Lucas dos Santos

AO LARGO

ENTREVISTA

António Pinho Vargas - P.44

Marta Poiares e Pedro Dias da Silva

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Ricardo Namora - P.52

Marta Poiares

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Beija o Mar - P.60

Nuno Camarneiro

CRÓNICA

A internacionalização universitária e o Brasil - P.62

Fernando Seabra Santos

LUGAR DOS LIVROS

APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

[Viver / Navegar]

Apocalíptico - P.70

Augusto Monteiro

Integrado - P.72

António Granado



DESTINO NA TRAVESSIA

Há dois anos ninguém falava da tria-ka, agora temos a vida determinada por essa entidade, obscura mas tão real, que nos esvazia os orçamentos. Sem deixar de reconhecer que sem ela os nossos bolsos estariam vazios, temos de lutar com toda a nossa energia para que não seja a cura a deixar-nos paraplégicos. É hora de vincar bem o papel das universidades e da investigação no desenvolvimento do país, para que não se tornem elas próprias em mais danos colaterais da crise que se instalou.

Não é conversa vazia dizer que é nas universidades que está a chave da recuperação de Portugal. Há poucos setores com tanta atividade de criação de empresas capazes de competir fora das nossas fronteiras como as universidades. É até curioso verificar como os politécnicos, por muitos tidos como transmissores de um saber mais prático, pouco contribuem para esta génese empresarial. Talvez porque de facto só o conhecimento com grande profundidade tem o

caráter universal que é necessário para que uma atividade económica adquira relevância fora das nossas fronteiras.

É também de realçar que mesmo nos setores mais tradicionais, como o têxtil, o calçado ou os moldes, as empresas que continuam saudáveis são as que conseguem incorporar conhecimento avançado no desenho ou nos materiais, no processo de fabrico ou na distribuição. O velho modelo dos empresários de baixa qualificação e da mão de obra barata soçobrou aos ventos da globalização.

Sempre foi o conhecimento avançado que justificou a existência das universidades: nem de outra forma se compreende que a Universidade de Coimbra (UC) funcione há mais de sete séculos. Só que, ao contrário dos tempos antigos, ela não é hoje uma instituição de nicho mas antes uma fonte de saberes relevantes para toda a sociedade. Temos de saber demonstrar este facto elementar a essa

mesma sociedade que nos financia, para que continue a fazê-lo. Importa mostrar a fecundidade da nossa intervenção em todos os momentos.

A Semana Cultural da UC, este ano alargada a um período mais lato para que os eventos que a compõem não se sobreponham tanto, permitindo assim a fruição de cada um deles por públicos mais alargados, é um momento muito especial para que afirmemos convictamente a nossa relevância.

Que os múltiplos saberes universitários se saibam agora, mais do que nunca, evidenciar, tanto na profundidade da reflexão empreendida como na incessante procura que lhes subjaz. Só dando-nos a conhecer podemos ajudar a superar este presente (esta)fadado e a descortinar enfim algum destino para esta tão atribulada travessia.

João Gabriel Silva
Reitor

06

RL #34 | REITORIA EM MOVIMENTO



APRENDER NÃO É FAZER CADEIRAS

É COCONSTRUIR CONHECIMENTO(S)

MADALENA ALARCÃO*

Como docente, e como vice-reitora, atormenta-me a ideia de que muitos estudantes, em diferentes graus de ensino, encarem a aprendizagem como um *resultado*, mais do que como um *processo*, valorizando a tarefa de *fazer mais uma cadeira* em detrimento do *prazer de criar mais conhecimento*.

O importante parece ser a avaliação, mais valorizada pela nota que se obtém do que pelo processo de informação que pode gerar-se acerca *do que se conhece*, de como se conhece, de *quais os novos desafios e etapas de construção de saber(es)*.

Fazer uma licenciatura, um mestrado ou um doutoramento não pode ser encarado como uma atividade de coletar conhecimento, reproduzindo-o, num simples processo de apropriação adesiva que termina com uma avaliação positiva, mais ou me-

nos elevada. Mesmo que a conclusão do curso obrigue à obtenção de um número pré-fixado de ECTS, o saber não pode *arrumar-se* com a conclusão dos semestres ou dos anos. A aprendizagem é um processo de permanente construção entre o que já sabemos e o que estamos dispostos a saber, entre o que temos e o que queremos descobrir. Por essa razão, empobrecemo-nos sempre que olhamos para a aprendizagem como uma tarefa de *encher e fechar gavetas*.

Enquanto construção, a aprendizagem é um processo aberto, criativo e pessoal. Um processo complexo, arriscado e duro, mas que se deseja apaixonante para quem ensina e para quem aprende.

Complexo, não tanto por ser complicado ou difícil, mas porque apela a um elevado número de interações

entre diferentes quantidades e qualidades de informação, ao mesmo tempo que confronta o aprendiz com a imprecisão e a incerteza associadas à produção e gestão da informação. Mas também é por isso que o homem se distingue da máquina e consegue resolver problemas que não podem ser equacionados como simples *avarias*. Problemas que podem exigir respostas e soluções qualitativamente diferentes das anteriormente conhecidas. Mas, para isso, não pode aprender-se apenas a solução; tem que dominar-se o processo que permite construí-la ou descobri-la.

Arriscado porque nos confronta com o desconhecido e com a incerteza. Aprender o que já se sabe não motiva ninguém, uma vez que implica repetição. E se a rotina traz segurança também se acompanha de enfado. No processo de aprendizagem tem que haver novidade, ainda que apoiada no que já se conhece. Quando o medo de arriscar é grande, seja porque a pessoa adere mal à incerteza, seja porque está mais centrada no passado do que no futuro, seja, ainda, porque acumulou vários insucessos sempre que enfrentou novos contextos de aprendizagem, a defesa mais simples é a não-aprendizagem ou a repetição do que já está feito por outros. Mas mesmo quando não traduz uma atitude primária de preguiça ou de intenção de enganar o outro, a cópia e o plágio constituem formas terríveis de autoengano e de desonestidade académica que têm que ser combatidas desde muito cedo.

Duro porque toda a aprendizagem exige trabalho, esforço, persistência, confronto, perda. Há vários momentos em que, no processo de aprendizagem, o prazer tem que dar lugar à obrigação e em que existe confronto com o insucesso. Será o prazer proporcionado pelo conhecimento, e o poder que lhe está associado, que cria e alimenta a apetência pelo saber. E que faz do estudante e do professor elementos fundamentais da (re)criação de conhecimento.

Falar do ensino como uma paixão é já um lugar comum. Mas nem sempre é tão consciente e partilhada a ideia de que a aprendizagem exige, ao aprendiz, envolvimento, entusiasmo, excitação, afeto... e saber. Um saber que tem que ser apropriado, passado pelo crivo da reflexão pessoal, para que possa ser verdadeiramente integrado ou rejeitado, mas nunca meramente *colado*. Na aprendizagem, como no processo de construção pessoal, *colar* é uma estratégia desinteressante e muito pobre, que deixa a pessoa perdida quando falta a referência. Quando não existe integração do conhecimento fica-se sempre dependente da *fonte*. Esta aprendizagem não dá poder, porque não transforma. Não dá prazer porque não envolve. Apenas ilude.

Esta aprendizagem é ainda perigosa porque, tornando-se recorrente, permite ao aprendiz ficar com uma *caixa de ferramentas* que não sabe verdadeiramente usar, seja porque não consegue interpretar o *livro de instruções*, seja porque não imagina poder haver outras formas de usar tais *ferra-*

mentas. É clássica a história do dono de uma fábrica que está desesperado porque a linha de produção está parada e ninguém consegue retomá-la. Chama então um *expert* que observa detalhadamente, faz um conjunto de perguntas, volta a olhar e, passado alguns minutos, pega numa chave de fendas e aperta um parafuso. A linha de produção retoma e tudo volta à normalidade. Quando vai pagar o serviço, o dono da fábrica fica admirado por ser tão caro apertar um parafuso. Ao que o técnico lhe explica que apertar o parafuso é barato (10 euros); saber que parafuso apertar é que custa novecentos e noventa euros. De tão contada e recontada, esta história tem várias versões. Mas tem uma sabedoria infinda: conhecer é, fundamentalmente, saber pensar; não é saber apenas a solução. Mas pensar implica observar, estabelecer ligações, colocar hipóteses, experimentar, discutir, voltar a observar, retomar aprendizagens anteriores e perceber se são ou não importantes no novo contexto... implica fazer um caminho pessoal.

Aprender é um processo dinâmico, orientado para o futuro, que se faz na interação, e que exige uma gradual definição de *visão* que cada um tem do *mundo em que quer viver* e da *missão ou identidade que quer assumir*. Só assim descobre que capacidades tem e que competências possui ou pode vir a desenvolver.

A cópia e o plágio são hoje uma preocupação crescente em todos os níveis de ensino e nas universidades de forma notória. Não porque

o fenómeno seja novo mas porque se massificou. Há muitas explicações que podem ajudar a perceber a sua densificação. Nenhuma que possa autorizá-lo e, muito menos, legitimá-lo.

O que me deixa inquieta é que, mesmo quando conscientemente reprovado, ele é utilizado com naturalidade e sem crítica, nomeadamente a apresentação de um mesmo trabalho em diferentes cadeiras ou a sua assinatura por colegas que não participaram na sua elaboração.

A denúncia não é equacionada em nome da cumplicidade entre pares. Deixa-me preocupada que as estratégias consideradas como mais inibidoras da fraude académica sejam o agravamento das penas e a diminuição da complexidade das provas (cf. Almeida, Filipe, Gama, Paulo, & Peixoto, Paulo (2010). “La ética de los alumnos de la enseñanza superior: Un estudio exploratorio sobre el fraude académico en Portugal”. *Oficina do CES*, 348).

É verdade que a existência de regras externas precede e enquadra a sua interiorização. Mas não a substitui. Brevemente estarão em discussão pública a carta de princípios do estudante da UC e o regulamento disciplinar. Mas é necessário que todos, estudantes e docentes, assumam que o trabalho pessoal e o caminho da excelência são não só formas únicas como a única forma de verdadeiro sucesso.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

AMÍLCAR FALCÃO*

A produção de conhecimento representa uma das missões mais nobres que uma Universidade pode desempenhar. Sempre assim foi e nada indicia que venha a mudar. Se mudar, já não estaremos a falar de Universidade.

A produção de conhecimento exprime-se de diversas formas. É, por isso, errado fazerem-se comparações e avaliações absolutas entre diferentes áreas do saber. A relativização é, neste contexto, determinante para que possamos aferir o que de bom e o que de menos bom se vai fazendo. A produção de conhecimento, embora seja multifacetada na sua génese e multipotente relativamente ao seu potencial impacto na sociedade, poderá sempre ser considerada como “muita” ou “pouca” e como “boa” ou “má”. Claro que falamos de extremos e que, na maioria dos casos, um qualquer contributo se situa no intervalo por eles delimitado.

A produção de conhecimento poderá, no limite, ser “muita e boa” ou “pouca e má”. É com este enquadramento que as universidades têm de trabalhar e, presumindo que todas almejam ser bem referenciadas, então a opção da qualidade não deixa dúvidas sobre o caminho a seguir.

A produção de conhecimento, independentemente das áreas do saber, não se pode refugiar na opinião que cada um tem sobre aquilo que faz.

A avaliação entre pares é hoje incontornável. A qualidade do que se faz depende do valor que terceiros atribuem ao que foi feito. À semelhança, por exemplo, da “autoridade”, estamos a falar de algo que não se tem porque se quer, mas sim porque os outros nos concedem que tenhamos. A produção de conhecimento, para ter impacto, tem de ser divulgada. E é bom não esquecer que, ao contrário do que acontecia há algumas décadas, a disseminação da informação está hoje ao alcance de uma tecla. Portanto, divulgar aquilo que se faz é uma necessidade. A divulgação do conhecimento cumpre várias funções: (1) é imprescindível ao crescimento do saber; (2) é um fator de atratividade; (3) é um sinal de modernidade; (4) é uma forma de afirmação.

A produção de conhecimento depende muito de cada um de nós. Um bom desafio, uma boa planificação, uma boa equipa, são ingredientes que potenciam a qualidade do que se faz. Desafios pouco exigentes, pouco originais e mal preparados,

são ingredientes que fragilizam a qualidade do que se faz.

A produção de conhecimento depende muito de cada um de nós, mas não depende só de nós. Nesse sentido, a busca pela integração de diversas áreas do saber num mesmo projeto pode ser uma opção interessante. No entanto, em muitas circunstâncias, a focagem no problema não necessita (nem aconselha) a solução mágica da interdisciplinaridade. Significa isto que, para a investigação de qualidade, não há uma solução única. Aliás, mais do que equipas multidisciplinares, aquilo que muitas vezes é imprescindível é que se conjuguem competências diferenciadas (venham elas de onde vierem).

A produção de conhecimento precisa de recursos. Os recursos humanos são sempre o fator limitante. A componente financeira é igualmente um fator limitante, mas não tão limitante. Nem sempre a investigação depende de avultados investimentos. E quando a investigação depende de avultados investimentos, então temos de acreditar que se a ideia for boa, o dinheiro aparece. E aparece porque bons recursos humanos e boas ideias são capazes de atrair financiamento competitivo. E se os

recursos humanos e as ideias são boas, então também é possível promover parcerias que viabilizem os projetos. Certo é que o dinheiro não resolve a falta de boas ideias ou a insuficiente preparação dos recursos humanos.

A produção de conhecimento, especialmente em tempos de crise, deve ser criteriosamente programada e organizada. Não se podendo (nem devendo) coartar a inspiração dos investigadores, é fundamental que se perceba que não há espaço para investigar “apenas porque sim”. A concorrência é feroz, a massa crítica é fundamental e a resolução de problemas reais deve estar sempre presente no nosso espírito. A universidade deve ser capaz de acolher todo o tipo de investigação de qualidade. A universidade não se pode transformar apenas numa entidade que resolve os problemas emergentes da sociedade civil; mas a universidade também não pode evoluir

sem uma estratégia comum, onde haja lugar para todos mas onde todos saibam qual é o seu lugar.

A produção de conhecimento pode e deve ser transferida para o exterior. A transferência de conhecimento é uma missão nobre que tem de ser acarinhada e não estigmatizada. Mas só se consegue transferir o que tiver valor e qualidade para ser transferível. E só se consegue transferir quando existe essa vontade. A passividade é inimiga da transferência de conhecimento. A ausência de estímulos conduz à passividade. A universidade tem, por isso, de saber encontrar ferramentas que combatam a passividade, que sejam estimulantes e que promovam a transferência da sua produção científica.

A produção de conhecimento é a base de uma oferta pedagógica de qualidade. A formação avançada só é possível se houver investigação de excelência. A formação avançada

pode ir beber aos livros, mas é através da investigação de qualidade que uma qualquer universidade se consegue diferenciar pela positiva. A prova provada disso mesmo é o processo de acreditação em curso que, inequivocamente, vai premiar as universidades que apostem na qualidade em detrimento das restantes. No modelo atual, não se criam cursos porque se quer, mas sim porque se pode. E se isso é válido para todos os ciclos de estudos, é-o, em particular, para os cursos de doutoramento.

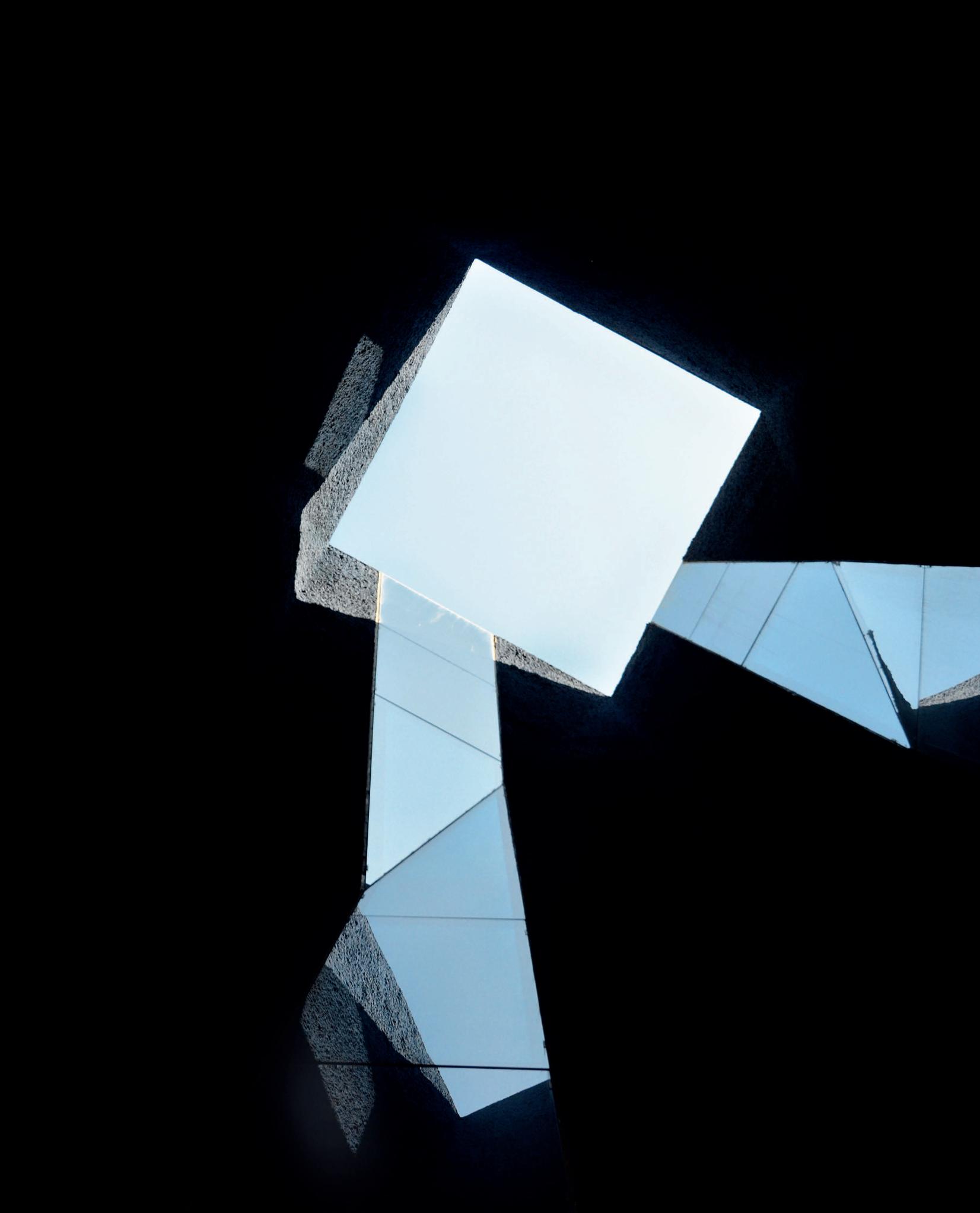
A produção de conhecimento, pelas suas implicações a todos os níveis, deve ser entendida como o expoente máximo das universidades contemporâneas. Dirão uns que não concordam. Outros dirão que é mesmo assim. Novamente, a capacidade de encontrar equilíbrios que nos permitam viver na nossa zona de conforto é essencial. Seguramente que todos, e cada um de nós, terá as suas razões para estar mais ou menos de acordo com a forma como o sistema universitário atualmente se organiza e é avaliado. É bom que assim seja, porque da divergência de opiniões surgem linhas estratégicas reforçadas. A inclusão é um sinal de inteligência. A exclusão resulta sempre de uma falta de orientação.

A produção de conhecimento na Universidade de Coimbra tem de saber crescer. Não o conseguirá evitando as “dores do crescimento”. Ouvir e ser ouvido é fundamental. Respeitar a diversidade é crucial. Olhar para o horizonte privilegiando a qualidade é o nosso propósito.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra

12

RL #34 | OFICINA DOS SABERES ATUAL



NAVEGAR É PRECISO.

VIVER, NÃO É PRECISO |?|

CLARA ALMEIDA SANTOS*

Um título que se presta a tantas leituras e a múltiplos desdobramentos. É assim, feita de diversidades e de provocações, a XIV Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC). A provocação primeira será a própria duração da Semana Cultural que se estende a quatro meses de programação. Com a particularidade de começar, como sempre, a 1 de março, data em que se celebram os 722 anos da UC. Mas 1 de março é também, de alguma maneira, dia de D. Dinis, fundador da Universidade. Por isso, faz todo o sentido que a “Semana” termine a 4 de julho, dia da Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis. E também padroeira de Coimbra. A Semana Cultural começa no dia da Universidade e termina no dia da cidade, mostrando bem que o casamento, longo de mais de sete séculos, se traduz ainda em celebração.

Mas na UC celebramos também o Ano de Portugal no Brasil e do Brasil em Portugal, ainda antes das celebrações oficiais, que se iniciam mais tarde no ano. O mote que nos guia é célebre na voz de Caetano Veloso que, n’“Os argonautas”, repete no refrão “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Aqui adquirindo o termo “preciso” um duplo sentido de “necessidade” e de “precisão”. Mas já

Fernando Pessoa intitulava um dos seus poemas “Navegar é preciso”, defendendo que a obra transcende o autor. Se procurarmos, porém, a origem da expressão, teremos de navegar até ao séc. 1 a.C. quando, de acordo com os registos do Plutarco, o general romano Pompeu teria usado o mote para incentivar marinheiros receosos a lançar-se à aventura.

Levando a provocação à contemporaneidade, encontramos a polissemia no sentido do “navegar”, que transforma os argonautas clássicos em cibernautas contemporâneos.

E valerá a pena a interrogação: Navegar é preciso. Viver, não é preciso?

A responder ao(s) repto(s) do tema, mais de 80 eventos dão corpo à XIV Semana Cultural da UC. A mostrar uma vivacidade de quem persiste apesar das tormentas, na certeza de que só merece a boa esperança quem não desistir de navegar.

A programação pode ser conhecida e consultada, além dos destaques feitos nesta Rua Larga, em www.uc.pt/semanacultural e em www.agenda7.uc.pt.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra

PROGRAMA

M A R Ç O

Dia 1 | *qui*

9h15 | *Auditório da Reitoria UC*
Sessão solene comemorativa dos 722 anos da Universidade de Coimbra.

Intervenção do Magnífico Reitor. Homenagens aos Professores, Aposentados e Jubilados, Investidores e Funcionários Aposentados. Apresentação do n.º 9 da Revista *Via Latina* pela Secção de Jornalismo da AAC. Entrega do Prémio da Universidade de Coimbra e conferência de António Pinho Vargas.
Org.: Reitoria da UC.

12h | *Capela S. Miguel (UC)*
Missa Solene, com a participação do Coro da Capela.
Org.: Reitoria UC.

14h-19h | *Museu da Ciência (Cafetaria)*
Emissões de exterior pela Rádio Universidade de Coimbra. Dias 1 e 2 de março.
Org.: RUC.

15h | *Biblioteca Joanina (Piso Intermédio)*
“A Universidade de Coimbra e o Brasil”. Inauguração da exposição iconobibliográfica e lançamento do catálogo. A exposição procura realçar a importância da Universidade de Coimbra na história e cultura do Brasil, bem como o impacto deste país na própria Universidade, através dos muitos reitores, professores e alunos que nela deixaram marca da sua presença. 9h-3h; 14h-17h (até 25 de março) e 9h-19h (após 25 de março até 31 de março).
Org.: Biblioteca Geral UC / Arquivo UC.

17h | *Oficina TAGV Inauguração Lusofalantes - Instalação sonora.*
A Escultura Sonora é um espaço onde os diversos Lusofalares desvendam um ambiente sonoro revelador através de suas sutilezas e significados.
O espaço preenchido por leituras

de poemas de autores do Brasil, Portugal, Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, somadas a texturas criadas para esta composição sonora, busca despertar os nossos ouvidos para a diversidade e a semelhança dos Lusofalantes, e encontrar o outro através da língua.

Org.: Reitoria da UC, Estudos Artísticos - FLUC, TAGV.

18h | *Associação Académica de Coimbra*
“Uma viagem. Uma Linha...”
Exposição fotográfica sobre a linha de atendimento telefónico SOS-Estudante, dando a conhecer a sua “navegação” desde a sua criação (1997), através de imagens, testemunhos, de histórias, de sucessos.
Até 9 de março.
Org.: Linha SOS-Estudante.

21h30 | *TAGV - Sala Principal*
“Lusofalantes”. Concerto de abertura da XIV Semana Cultural da UC. Esta apresentação musical reunirá artistas do Brasil, Moçambique e Portugal: o essencial será a troca e fortalecimento dos laços deste tripé do qual todos somos essência e mistura. Serão apresentadas composições próprias e do repertório da música brasileira entremeadas por vídeos e trilhas sonoras que formam um ambiente de encontro com os diferentes sotaques e a riqueza cultural da língua portuguesa. Com Abanda, Ana Sewi, André Magalhães, Betão Aguiar, Costa Neto, JP Simões, Elizah Rodrigues, Paulo Brandão e Marcelo Brissac.
Org.: Reitoria da UC, TAGV.

Dia 2 | *sex*

15h | *Casa das Caldeiras*
Roda de Conversa - Lusofalantes Com Elizah Rodrigues, Paulo Brandão, Marcelo Brissac e Luís Afonso.

Tema: “Lusofalante, como nos reconhecemos e recriamos os laços através de ações coletivas

que propiciem intercâmbio, troca e descoberta através da língua e da arte.”

Tema: “Existe um humor Lusofalante? Banda Desenhada, um jeito bem-humorado de nos reconhecermos uns nos outros.”
Org.: Reitoria da UC, TAGV.

18h-21h | *Auditório da Casa da Cultura*
Fórum Internacional do Desporto, transferência de saberes em Ciências do Desporto / Science&Swimming.
18h - Apresentação do relatório técnico e científico da cooperação com a Federação de Andebol de Portugal. Protocolo FCDEF-UC / Federação de Andebol de Portugal;
19h - “Relationship between endurance field tests and match performance in young soccer players”, Carlo Castagna, (Universidade TorVergata - Itália).
Org.: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da UC (FCDEF-UC).

18h | *Centro Cultural Dom Dinis*
“LUSOSSINCRASIAS”
Mostra de *cartoons* relacionados com o mundo lusófono, de Luís Afonso.
Das 14h às 24h, de segunda a sexta, até 30 de março.
Org.: Reitoria da UC, TAGV.
Apoio: CCDD.

21h30 | *TAGV - Sala Principal*
Coimbra Solidária 2012 - Gala de Beneficência com as participações de André Sardet, JP Simões, Os Pinto Ferreira e Antigos Orfeonistas, com apresentação de Sansão Coelho.
A totalidade da receita apurada reverterá para a ADAV [Associação de Defesa e Apoio da Vida], a ANAI [Associação de Apoio ao Idoso], a LAHUC [Liga dos Amigos dos Hospitais da Universidade de Coimbra] e a LPCC [Liga Portuguesa Contra o Cancro] – Núcleo Regional do Centro.
Org.: TAGV, Fundação Cultural da Universidade de Coimbra.

Dia 3 | *sáb*

10h-21h | *Auditório da Casa da Cultura*

Fórum Internacional do Despor-to, transferência de saberes em Ciências do Desporto / Science&Swimming.
10h15 - “Alterações em marcadores de fadiga ao longo da época de treino em nadadores”, Luís Rama (UC);
11h30 - “Modelo da velocidade crítica e a avaliação do desempenho aeróbio e anaeróbio do nadador”, Francisco Alves (UC);
12h15 - “Investigação, saber e prática: confluências e divergências”, João Paulo Vilas Boas (Univ. Porto);
14h30 - “Cinética metabólica em protocolos de nado progressivos retangulares”, Ricardo Fernandes (Univ. Porto);
15h15 - “Aplicação da Dinâmica Computacional de Fluidos na Natação”, António Silva (Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro);
16h30 - “A avaliação da performance em natação pura desportiva”, Daniel Marinho (Univ. da Beira Interior).
Org.: FCDEF - UC.

15h | *Casa das Caldeiras*
Roda de Conversa - Lusofalantes Com André Magalhães, Betão Aguiar, Vanessa Louise e Costa Neto.
Tema: “Raízes musicais e Património Cultural”.
Tema: “O tripé das misturas e influências a partir da música moçambicana”.
Org.: TAGV, Reitoria da UC.

18h | *Museu da Ciência (Colégio de Jesus)*
Exposição: “Nos Passos de Darwin” - uma viagem através de objetos e imagens do percurso de Darwin à volta do mundo, pela objetiva do viajante moderno, Gonçalo Cadilhe. De 10h às 18h, de terça a domingo, até 31 de maio.
Org.: Museu da Ciência UC.

XIV SEMANA CULTURAL DA UC

21h30 | *Centro Norton de Matos*
Grupo Folclórico da Casa do Pessoal apresenta danças, cantigas e trajas tradicionais de Coimbra e arredores do séc. XVIII, XIX e início do séc. XX, juntamente com o Grupo de Pauliteiros de Miranda do Douro e o Grupo de Guitarras de Coimbra.
Org.: GFPCUC.

Dia 5 | seg

9h45-20h | *Inst. Justiça e Paz*
Colóquio: “Viagens à volta do Mundo, Viagens à volta do homem”.
10h - “Viajar no Mundo Antigo”, José Ramos (Univ. Lisboa);
10h30 - “Circuitos comerciais no Período Minóico”, Rui Morais (Univ. Minho, UI&D-CECH);
“A viagem interior da personagem esquiliana”, Frederico Lourenço (UC, UI&D-CECH/CIEC);
“A Ágora de Atenas: um centro de convergências”, Maria de Fátima Silva (UC, UI&D-CECH);
12h15 - “Herodoto: cultura y viaje”, Ana María Tobía (Univ. LaPlata);
“Viagem e Religião na Hélade”, Emílio Suarez de la Torre (Univ. Pompeu Fabra);
“O Mundo helenístico e o imaginário da viagem”, F. Brasete (Univ. Aveiro);
“Los périplos en el mundo helenístico”, J. Alvar (Univ. Carlos III);
“Migrações no Mundo Antigo - o trilho dos Judeus”, N. Simões Rodrigues (Univ. Lisboa);
16h45 - “De Roma à Grécia – cultura e educação”, António Alvar (Univ. Carlos III);
“Mobilidades no feminino”, Aurora López (Univ. Granada);
17h45 - Apresentação do livro “Paulo de Tarso: Judeu, Grego e Romano, Clássica Digitalia”, por Carlota Miranda (UC, UI&D-CECH).
Org.: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da UC (CECH-UC)

10h-16h30 | *FPCE-UC*
10h - Exposição de fotografias

de Fábio Lopes e do concurso de fotografias. Atuação musical.
14h30 - “Por Onde Navegam?”
Conferência sobre os estados neurológicos / de consciência alterados e experiências de quase-morte: com Manuel Domingos, Luís Vasconcelos, Jorge Pimentel.
Org.: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCE-UC).

16h-18h | *FLUC (Anf.II)*
Roda de Conversa – Lusofalantes
Aula aberta com Alemberg Quindins, Rosiane Limaverde, Aécio Diniz, Hélio Filho e Fabiana Barbosa.
Tema: “Desenvolvimento social comunitário através da formação de gestores culturais”.
Org.: Estudos Artísticos - FLUC, TAGV.

Dia 6 | ter

9h30-20h | *Inst. Justiça e Paz*
Colóquio: “Viagens à volta do Mundo, Viagens à volta do homem”.
9h30 - “Viagem e curiosidade científica: o exemplo de Plínio”, F. Oliveira (UC, UI&D-CECH);
“O imaginário da viagem: entre épicos e novela”, C. Teixeira (Univ. Évora, UI&D-CECH);
“O imaginário da viagem: a fábula de Esopo”, A. Alexandra de Sousa (Univ. Lisboa, UI&D-CECH);
11h - “Viajar por terra e por mar”, Vasco Mantas (UC, UI&D-CECH);
“A rota das moedas”, J. Ruiivo (Museu Monográfico de Conímbriga, UI&D-CECH);
“Estâncias e hospedarias no mundo romano”, C. Pimentel (Univ. Lisboa, UI&D-CECH);
“Lospeligros de viajar en el mundo grecorromano”, A. Alvar Nuño (Univ. Rey Ruan Carlos, Madrid);
14h - “Mobilities in Middle Age”, Gabriele Averkorn (Univ. Siegen);
“De Roma à Gália: o De Reditu de Rutilio Namaciano”, P. Barata Dias (UC, UI&D-CECH);
“Viagem e religião no mundo medieval”, A. M. Rebelo (UC,

UI&D-CECH);
“A viagem do texto”, P. Farmhouse (Univ. Lisboa, UI&D-CECH);
15h50 - “Viagem e religião no Renascimento: A peregrinação de Santa Isabel no texto de Pedro Perpilhão”, Helena Costa (UI&D-CECH);
“A retórica da viagem”, Belmiro Pereira (Univ. Porto, UI&D-CECH);
“O mito henriquino de ressonâncias marítimas: os Lusíadas e a Peregrinação”, Luisa Castro Soares (Univ. Trás-os-Montes);
“Repercussões de viagem no discurso poético de Camões”, J. C. Seabra Pereira (UC, UI&D-CECH);
17h45 - “Cultura e mobilidade no Renascimento”, Margarida Miranda (UC, UI&D-CECH);
“Exílio: da viagem sem viagem à viagem sem retorno”, Carlos Ascenso André (UC, UI&D-CECH);
“Viagens aos confins do mundo, viagem em torno de nós”, N. Castro Soares (UC, UI&D-CECH);
“Notas sobre o imaginário da viagem na poesia contemporânea”, T. Carvalho (UI&D-CECH);
19h - “Viagens ao passado como utopia”, M. C. Fialho (UC).
Org.: CECH-UC.

15h30-17h | *FPCE-UC*
Workshop de Arte-Terapia. Conhecer outras formas de terapia, nomeadamente, através da pintura. Com Andreia Carvalho e Natacha Mascarenhas.
Org.: Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia, FPCE-UC.

18h | *Casa das Caldeiras*
Paisagens Neurológicas (Performance & Debate) [Arte, Ciência e Natureza - para onde vamos?]
Apresentação de [PAISAGENS NEUROLÓGICAS] com o dispositivo interativo_1 [CARNES RADIOATIVAS, SONHOS, POÉTICAS, E FRAGMENTOS NEURO] Isabel Maria Dos. Debate: João Maria André

(Moderação), João Lemos Pinto, Mário Montenegro, Paulo Borges.
Org.: Estudos Artísticos - FLUC, TAGV.

18h | C. C. DolceVita (Praça Central)
“Navegar é preciso... pela cadeia de sobrevivência”. Palestra e Formação de suporte básico de vida com Manuel Santos Rosa (FMUC); Paulo Martins (FMUC e CHUC) e Sofia Madeira (INEM). Inscrições limitadas a 50 participantes (link para registo disponível em <http://www.uc.pt/fmuc>).
Org.: Faculdade de Medicina da UC (FMUC), INEM, Dolce Vita.

Dia 7 | qua

9h30-16h30 | *Estádio Universitário*
À Descoberta de Outros Mares I: VI Encontro Desportivo para Pessoas com Deficiência Intelectual. Realização de jogos lúdicos e desportivos, direcionados para pessoas com deficiência intelectual.
Org.: FCDEF-UC.

10h-13h | *Casa da Escrita*
Dia da China - “A Lusofonia e a China: Navegar o Passado, Viver o Presente e Precisar o Futuro”
10h - “Portugal e a China: de ontem e de hoje. Os precursores da globalização”
Padre Artur Wardega, S.J. (Instituto Ricci de Macau), Carlota Miranda Urbano (FLUC);
11h - “As relações Luso-Chinesas e o papel de Macau como ponte para o reforço da lusofonia.”
José Luís de Sales Marques (Instituto de Estudos Europeus de Macau); Carmen Amado Mendes (FEUC);
12h - “Mares do Ocidente - Sol do Oriente”
Roger Greatrex (European Union-China Higher Education Cooperation Programme, Univ. Lund); José Carlos Matias (Teledifusão de Macau).
Org.: CECH-UC, Faculdade de

Economia da UC (FEUC),
Centro de Estudos Sociais (CES).

15h-18h | Casa da Escrita

Dia da China - "A Lusofonia e a China: Navegar o Passado, Viver o Presente e Precisar o Futuro"
Atividades culturais em coordenação com o Instituto Confúcio da Univ. do Minho: Workshop de Escrita Chinesa, Workshop de Papel Recortado, Ritual do Chá Oolong, Momento de Dança e Música Clássica Chinesa.
Org.: FEUC, CES, CECH.

14h30-16h15 | FLUC (Anf. IV)

Colóquio: "Linguaviagem".
"Viagens certas para vidas incertas", Ana Maria Machado (CLP);
"Mito e realidade em *As Naus* de António Lobo Antunes", Cristina Mello (CLP);
"Da História e da Literatura. Recriações da primeira viagem de circum-navegação: Stefan Zweig, Eugen Oberhammer, Adolfo Simões Müller e Gonçalo Cadilhe", Maria de Fátima Gil (CIEG).
Org.: Dpt. de Línguas, Literaturas e culturas (DLLC), Centro de Literatura Portuguesa (CLP), Centro de Investigação em Estudos Germanísticos (CIEG) - FLUC

14h30-16h30 | FPCE-UC

"Que embarcações seremos no mesmo oceano?" Conferência sobre transtorno dissociativo de personalidade, alteregos e heterónimos. Eduardo Sá, Pio de Abreu, Helena Espírito Santo.
Org.: FPCE-UC.

16h | Casa da Escrita

"Fontes para a história da China"
Inauguração da exposição com manuscritos e impressos dos fundos da Biblioteca Geral da UC.
Das 9h30 às 12h30 e das 14h às 18h, de segunda a sexta, até 27 de abril.
Org.: CES, FEUC, BGUC, CECH-UC.

17h | Biblioteca Geral (Sala S. Pedro)

"Impressões da China: livros e imagens xilográficas". Inauguração da exposição pelo Senhor Embaixador da R.P. China e doação de gravuras chinesas contemporâneas pela Novel EnergyLtd. à UC. Das 10h às 12h e das 15h às 17h, de segunda a sexta, até 27 de abril.
Org.: CES, BGUC, FEUC, CECH.

18h | TAGV - Café-Teatro
Oficina de Poesia. Sessão de lançamento do n.º 16 da *Revista da Palavra e da Imagem*. Tema: Os Espaços da Justiça.
Org.: Projeto "Oficina de Poesia"(CES), DLLC-FLUC.

21h30 | Casa das Caldeiras
Dia da China - "A Lusofonia e a China: Navegar o Passado, Viver o Presente e Precisar o Futuro"
Cinema: "The Queen of Cooking", Han Wanfeng.
A história de uma rapariga do campo cujo sonho, após um romance fracassado, é tornar-se chefe de cozinha. O filme mostra a técnica e estilos únicos de preparação de comida chinesa. O seu objetivo final é ganhar o concurso "Master of the Kitchen" e ser agraciada com o título de "Rainha da Cozinha".
Org.: CES, CECH-UC, FEUC, TAGV.

21h30 | Casa das Artes da Fundação Bissaya Barreto
Ciclo de Cinema "CENAS do CES III: uma boa dose de lirismo e sífilis". O título do evento remete para um trecho da música "Fado Tropical", de Chico Buarque e Ruy Guerra, onde os autores homenageiam o 25 de Abril e tratam das conexões desconexas entre os dois países unindo elementos culturais, geográficos e históricos de forma inusitada.
A proposta deste ciclo é aprofundar o diálogo entre Portugal e Brasil no sentido de fazer uma reflexão sobre o património cultural e histórico de ambos os países através da sua produção cinematográfica.
Filme: "O Manuscrito Perdido" (2010), José Barahona.
Comentador: Osvaldo Silvestre.
Org.: CES, Fila K Cineclub.

21h30 | FPCE-UC
"Mar Português", Leituras encenadas de poemas de Luís de Camões e Fernando Pessoa.
Org.: ReCriar Caminhos InterDitos, FPCE-UC.

Dia 8 | qui

9h-18h15 | FLUC (Anf. IV)
Colóquio: "Linguaviagem".
9h - "Linguistics meets real life: Fieldwork in Papua New Guinea's

central highlands", John Holm;
"Tradução de literatura alemã em Portugal depois de 1945. Da navegação, dos ventos e das marés, dos escolhidos", Maria António Hörster;
"Palavras migrantes: viajando com a língua francesa no tempo e no espaço", Isabelle Marques e Joana Vieira Santos; "Viagens entre línguas e cidades", Clelia Bettini;
11h - "A Literatura de Viagens Inglesa: Teorias, Práticas e Praticantes", Jacinta Maria Matos;
"Viagem, paródia e utopia: viajantes de LeClézio e António Vieira", Maria João Simões;
"Viajantes portugueses em Itália na primeira metade do século XX", Manuel Ferro;
14h30 - "Navegar na (re)escrita: leitura de Uma Viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares", Cristina Robalo Cordeiro;
"Au seulsouci de voyager: entre o 'salut' a Vasco da Gama e a mallarmeana circum-navegação no coração da escrita", Maria de Jesus Cabral;
"Da viagem interplanetária à viagem da (re)escrita: Cyrano de Bergerac (séculos XVII a XX)", Marta Teixeira Anacleto;
16h30 - "Man YaGotta Go": Follow the Trail, Vamoose, Hit the Road, Take a Powder, Split, Haul Ass... Movement in American Popular Song", Stephen Wilson;
"Bookspace as Cyberspace: Mapping the Territory in Only Revolutions", Manuel Portela;
"Regressos? O Ulisses de Christoph Ransmayr", António Sousa Ribeiro.
Org.: DLLC-FLUC.

15h-21h | FPCE-UC
15h - Workshop Oficina de Escrita Criativa. A atividade pretende incitar a liberdade e autodeterminação literárias, assim como, permitir ao sujeito recriar-se em novas formas de existência.
Org.: FPCE-UC
17h - Workshop Intercultural. Atividades diversas (dança, língua, gastronomia) que pretendem facultar o contato com outras culturas e povos.
Org.: Associação Estudantil Caboverdiana, Associações Académicas Timorenses em Coimbra, FPCE-UC.

21h30 | TAGV
"Heart Mouth Dialogues". Elizah Rodrigues realiza uma experiência

de fusão entre o jazz, a pop e os blues com a participação de Júlio Resende e um convidado especial: António Zambujo. Concerto do 26.º aniversário da RUC.
Org.: RUC.

Dia 9 | sex

21h30 | TAGV - Sala principal
Sean Riley and the Slowriders. Concerto de aniversário da banda originária de Coimbra com sonoridades próximas da música de tradição americana, tais como folk, rock e blues.
Org.: TAGV.

Dia 10 | sáb

16h | Casa da Cultura
"Navegando à Bolina pela vida e obra de Mário Dionísio"
Mário Dionísio contado por Mário Dionísio - Leitura de textos autobiográficos de Mário Dionísio. Canções pelo Coro da Achada - Canções com versos de Mário Dionísio e muitos outros.
Org.: Centro de Documentação 25 de Abril, Casa da Achada.

18h | Círculo de Artes Plásticas (Sede)

"O Rio Voador" é uma exposição dos artistas Francisco Queirós, Gonçalo Pena, Inês Botelho, Miguel Palma, Pedro Cabral Santo, Pedro Cabrita Reis, Pedro Tudela, Pedro Valdez Cardoso e Rodrigo Oliveira. Partindo da ideia de RIO, as obras de arte explorarão o seu "mais", numa relação exponencial com o conceito de "rio".
Paralelamente à exposição de arte contemporânea no espaço do Círculo-Sede (R. Castro Matoso, 18, junto às Escadas Monumentais), no Museu da Água estará patente uma exposição/instalação de alunos de Arquitetura e de Design e Multimédia da Universidade de Coimbra. CAPC - das 18h às 18h, de terça a sábado, até 7 de abril. Museu da Água - das 10h às 13h e das 14h às 18h, de terça a domingo, até 12 de abril.
Org.: CAPC, CES, Dep. Arquitetura / FCTUC e Museu da Água.

21h30 | TAGV Café-Teatro
Revista *Via Latina*
Apresentação do n.º9 da Revista *Via Latina*, com a participação de

João Paulo Peixoto, Porfírio Silva e Pedro Medeiros.
Org.: Secção de Jornalismo da AAC.

Dia 12 | seg

18h | *Casa das Caldeiras*
Paisagens Neurológicas
(Performance & Debate)
[Arte e Tecnologia - Novos Média]
Apresentação do dispositivo interativo_2 [RE-ATOR NUCLEAR]
Debate: Isabel Maria Dos (Moderação), Rosa Oliveira, Manuel Portela, Isabel Azevedo.
Org.: Estudos Artísticos - FLUC, TAGV.

Dia 13 | ter

18h | TAGV – *Café-Teatro*
Encontros Musicais I – “Uma viagem cultural em duas escalas”
Sessão de abertura – Atuação do Coro Misto da Universidade de Coimbra;
Conferência: “História e Sociologia da Música em alguns compassos”, por Flávio Pinho. Atuação do grupo Cornalusa.
Org.: Coro Misto da Universidade de Coimbra.

18h | FLUC (Anf. IV)
“Babel: Três filmes, muitas línguas”. Projeto que propõe levar a cabo uma reflexão sobre a importância do estudo das línguas, hoje, a partir do visionamento de três filmes contemporâneos: um alemão, um italo-francês e outro argentino.
18h – Exibição do filme “Das Liedinmir” (Alemanha, 2010), Florian Cossen, apresentado por Claudia Ascher;
20h15 – Comentário do filme por Clelia Bettini e Fátima Gayoso.
Org.: DLLC-FLUC.

Dia 14 | qua

9h-17h | *Estádio Universitário*
“Tradition and New Developments in Sport”. Curso intensivo para aprofundar as linhas de pesquisa na área do Desporto, os seus objetos de estudo e metodologias. Desenvolvimento de workshops e apresentação de trabalhos dos estudantes. De 14 a 18 de março.
Org.: FCDEF-UC.

18h | FLUC (Anf. IV)
“Babel: Três filmes, muitas línguas”
18h – Exibição do filme “Nuovomondo”(Itália-França, 2006), Emanuele Crialese, apresentado por Clelia Bettini;
20h15 – Comentário do filme por Delfim Sardo, com a participação de Cláudia Ascher e Fátima Gayoso.
Org.: DLLC-FLUC.

21h30 | *Casa das Artes da Fundação Bissaya Barreto*
Ciclo de Cinema “CENAS do CES III: uma boa dose de lirismo e sífilis”.
Filme: “Palavra e Utopia”(2000), Manoel de Oliveira.
Comentador: Anselmo Borges.
Org.: CES, Fila K Cineclube.

Dia 15 | qui

18h | FLUC (Anf. IV)
“Babel: Três filmes, muitas línguas”
18h – Exibição do filme “Histórias Mínimas” (Argentina, 2002), Carlos Sorín, apresentado por Fátima Gayoso;
20h15 – Comentário do filme por Clelia Bettini e Claudia Ascher.
Org.: DLLC-FLUC.

18h | TAGV – *Café-Teatro*
Encontros musicais II – “Uma Viagem cultural em duas escalas”.
Conferência “Fazer música hoje em dia”, por Ruben Monteiro.
Momento musical.
Org.: Coro Misto UC.

Dia 19 | seg

18h | *Casa das Caldeiras*
Paisagens Neurológicas
(Performance & Debate)
[Cenografias na Contemporaneidade]
Apresentação do dispositivo interativo_3 [RESÍDUOS DE AMOR E DA ESPÉCIE HUMANA] Isabel Maria Dos.
Debate: Fernando Matos Oliveira (Moderação), João Mendes Ribeiro, Filipa Malva.
Org.: Estudos Artísticos - FLUC, TAGV.

Dia 21 | qua

21h30 | *Casa das Artes da Fundação Bissaya Barreto*
Ciclo de Cinema “CENAS do CES III: uma boa dose de lirismo e sífilis”.
Filme: “Luz Teimosa” (2010), Luís Alves de Matos.
Comentadora: Tânia Seabra.
Org.: CES, Fila K Cineclube.

Dia 24 | sáb

18h30 | *Colégio das Artes*
“O Mapa do Mar”, Fernando Calhau. Exposição da obra de Fernando Calhau, artista fundamental da arte portuguesa contemporânea. As obras estarão divididas em três núcleos em outros tantos espaços da cidade. 16h30 - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (pólo Sereia): Obras de desenho.
18h30 - Colégio das Artes: Obras em pintura a acrílico sobre tela e ferro.
21h30 - Centro de Artes Visuais: Obras em suporte fotográfico e videográfico.
CAV e CAPC - das 14h às 18h, de terça a sábado; CAV - das 14h às 19h, de terça a domingo. Até 17 de junho.
Org.: Colégio das Artes / CAPC / CAV.

21h | TAGV - *Sala Principal*
II Panaceia - Festival de Tunas Femininas. Organizado pela Tuna Feminina de Medicina da UC, conta com a participação de quatro tunas femininas dos quatro cantos do país, prezando pela qualidade musical e pelo espírito académico.
Org.: TFMUC.

Dia 26 | seg

14h-20h | TAGV
Capitanias Dramatúrgicas - Escrever a Viagem – Workshops com dramaturgos brasileiros e portugueses. De segunda a sábado, das 14h às 20h. Até 31 de março.
Org.: TAGV, Reitoria da UC.

Dia 28 | qua

21h30 | *Casa das Artes da Fundação Bissaya Barreto*
Ciclo de Cinema “CENAS do CES III: uma boa dose de lirismo

e sífilis”.
Filme: “Dzi Croquetes”(2010), Raphael Alvarez e Tatiana Issa.
Comentadora: Ana Cristina Santos.
Org.: CES, Fila K Cineclube.

21h30 | *Museu da Ciência (Anf. de Zoologia)*
Mostra de Cinema Naturalista. Inclui uma seleção de filmes que exploram o potencial científico, económico e político das expedições realizadas ao território africano e brasileiro, durante a primeira metade do século XX.
Filme: “No País das Amazonas”(1922), Silvino Santos; Apresentação: José Augusto Pádua (UFRJ).
Inclui visita guiada à exposição “Da cartografia do poder aos itinerários do saber”.
De 28 de março a 31 de maio.
Org.: Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC).

Dia 30 | sex

18h | *Auditório da Faculdade de Direito da UC*
V Encontro Nacional de Estudantes de Bioquímica 2012. De 30 de março a 02 de abril.
Org.: NEBIOQ/AAC, FCTUC.

18h | *Casa das Caldeiras*
Paisagens Neurológicas
(Performance & Debate)
[Linguagens na Performance]
Apresentação de dispositivo_4/ performance interativa [SEM BILHETE DE VOLTA] Isabel Maria Dos.
Debate: Manuel Portela (Moderação), António Olaio, Jorge Ribeiro, Fernando Matos Oliveira.
Org.: Estudos Artísticos - FLUC, TAGV.

21h30 | TAGV – *Sala Principal*
Dead Combo. Neste concerto de lançamento do novo disco “Lisboa Mulata”, a dupla Tó Trips e Pedro Gonçalves apresenta a sua visão sobre a multiculturalidade de Lisboa com ritmos africanos.
Org.: Reitoria da UC, TAGV.

Dia 31 | sáb

21h30 | *Museu da Ciência (Anf. de Zoologia)*
Mostra de Cinema Naturalista,
Filme: “Voyage en Angola”(1929),

Marcel Borle; “Missão Académica a Angola”(1929), Maximino Correia.

Apresentação: Joana Pimentel (Cinemateca Portuguesa) e Paula Meneses (CES-FEUC).

As restantes sessões decorrerão, em data a anunciar, entre os meses de abril e maio, no Anfiteatro de Zoologia do Museu de Ciência e Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. De 28 de março a 31 de maio.

Org.: FCTUC.

A B R I L

Dia 10 | ter

18h | Centro Cultural Dom Dinis

“Memória Resgatada - Chile 1970/1973” Exposição de fotografias de Armindo Cardoso e da pré-montagem de filme de Helena Monteiro. Das 14h às 24h, de segunda a sexta, até 12 de maio.

Org.: CCDD.

18h | Colégio das Artes (piso 1)

Lançamento Revista Joelho n.º 3, sob o tema: “Viagem-Memória: aprendizagens de Arquitetura”, coordenação de Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares e abertura da exposição “Viagem: à memória de Fernando Távora”. Das 9h às 17h30, de segunda a sexta, até 10 de maio.

Org.: Departamento de Arquitetura/FCTUC .

Dia 12 | qui

21h30 | TAGV – Sala Principal

“Se uma janela se abrisse”, texto e encenação de Tiago Rodrigues. Um telejornal é “dobrado” ao vivo por atores e um DJ, neste espetáculo que substitui o discurso público pelo íntimo e descobre formas alternativas de falar de um dia que passou. A partir daí, nasce um outro “jornalismo”, à escala humana de um palco, onde um olhar entre dois atores pode ter a mesma importância que o fenómeno do aquecimento global. “Se uma janela se abrisse” é o telejornal das notícias que nunca chegam ao telejornal.

Org.: Reitoria da UC, TAGV.

Dia 18 | qua

18h | Casa da Escrita

Poetas em Residência – leituras de poemas pela Poeta em Residência de 2012 da FLUC, a irlandesa Célia de Fréine.

Org.: Programa “Poetas em Residência”, DLLC-FLUC e Casa da Escrita.

Dia 23 | seg

9h | Dpt. Ciências da Vida

(Espaço Vítor Madeira) Concurso de Posters Científicos - Exposição até 27/04.

Org.: NEBIOQ / AAC, FCTUC.

Dia 25 | qua

14h30-18h30 | Dpt. Ciências da Vida (Sala 3)

“BioQuiz”. O projeto “Concurso de Cultura Geral de Bioquímica” tem como objetivo lançar o desafio e impelir os nossos estudantes a testarem os seus conhecimentos neste mundo pois, não basta estar na área, é importante conhecê-la. Inscrições até 16 de abril. Regras e regulamentos disponíveis em www.nebioquc.org (na área de notícias e atividades), a partir de 12 de março.

Org.: NEBIOQ / AAC, FCTUC.

Dia 26 | qui

10h-18h | Casa das Caldeiras

“Eduardo Lourenço: um (e) terno olhar”. O evento proposto conjuga três vertentes complementares desenvolvidas em torno de Eduardo Lourenço e das paisagens matriciais polarizadas pela Guarda: um colóquio, um documentário e uma exposição.

10h - Colóquio: “Eduardo Lourenço: as paisagens matriciais e os tempos de Coimbra”. Intervenções: Eduardo Lourenço, Maria Helena da Rocha Pereira, António Pedro Pita, João Tiago Pedroso de Lima, José Gil, Fernando Rodríguez de la Flor; 15h - Apresentação do documentário “Regresso Sem fim” (Anabela Saint-Maurice / CEI -RTP2) seguido de debate; 16h45 - Abertura da exposição “Um (e)terno olhar: Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e a Guarda”, com fotografias de

Arménio Bernardo, Fernando Curado Matos, Luísa Ferreira e Monteiro Gil.

Org.: Centro de Estudos Ibéricos (CEI), Reitoria da UC, TAGV.

21h30 | TAGV - Sala Principal

“Maior”, espetáculo com direção e coreografia de Clara Andermatt, música de Vítor Rua, pela Companhia Maior. Composta por artistas maiores de 60 anos, a Companhia Maior convidou para a sua segunda criação a coreógrafa Clara Andermatt. Neste espetáculo pretende-se retirar a tónica da idade dos intérpretes afastando-se da evidência sem, no entanto, desperdiçar as características que são indissociáveis das biografias destes indivíduos: a experiência, a sabedoria, a vulnerabilidade, o respeito, a realidade de quem nasceu na primeira metade do século XX.

Org.: Reitoria da UC, TAGV.

Dia 27 | sex

10h | Dpt. Ciências da Vida (Bioquímica)

“CSI-Coimbra por um dia” O projeto terá como objetivo transpor para a realidade o que é “transmitido em televisão”, de modo a dar a conhecer a vertente de investigação a nível forense e criminal que poderá ser proporcionada pelo Curso de Bioquímica e áreas similares.

Org.: NEBIOQ / AAC, FCTUC.

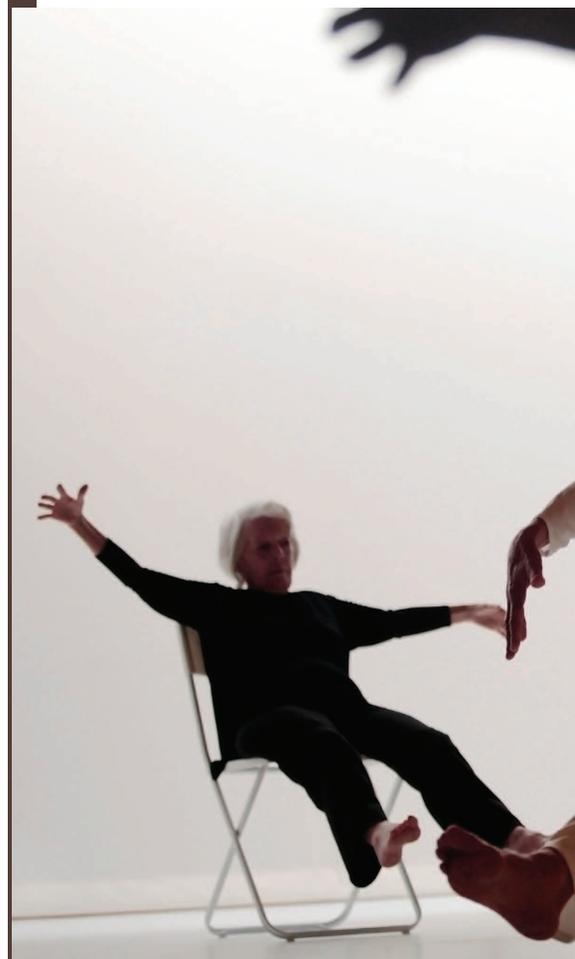
Dia 28 | sáb

16h - 17h30 | Museu da Ciência (Lab. Chimico)

“Brevemente 2012”: Sessão de entrega de prémios e exibição dos trabalhos vencedores do concurso de design e multimédia organizado pela tvAAC em parceria com o Centro de Estudos Cinematográficos.

Org.: tvAAC e CEC/AAC.

© Bruno Simão



Dia 30 | seg

21h30, 24h | TAGV - *Subpalco*
“Escorbuto”, estreia absoluta.
Texto de Pedro Monteiro, Rodrigo Monteiro e Augusto Monteiro.
Encenação de Ricardo Trindade.
“Escorbuto” põe em cena uma tripulação numa nau quinhentista, onde se expõem, de forma impiedosa, realidades tão incómodas como a homossexualidade, o pequeno favorecimento nefasto, o evangelismo moralizador, as profundas clivagens sociais, etc.; realidades maquilhadas - no proverbial exercício de reescrita da história - pela pena “cosmética” do escrívão de bordo, que glorifica cenas menos nobres para melhor as “vender” à posteridade.
Peça trashico-marítima, “Escorbuto” é o relato encenado de uma gesta torpe banhada pelo áureo brilho das ilusões. A história de um povo mais emigrante do que descobridor (e lá está, para o provar, o tripulante que é emigrante França), mas capaz do grão de loucura que vence a inércia. Um povo que se fez grande para fugir à própria pequenez. Apresentações de 1 a 3 de maio às 24h, dia 05 às 16h e 21h30.
Org.: Arte à Parte, TEUC, TAGV, Reitoria da UC.

M A I O

Dia 01 | ter

24h | TAGV - *Subpalco*
“Escorbuto”. Texto de Pedro Monteiro, Rodrigo Monteiro e Augusto Monteiro. Encenação de Ricardo Trindade. De 01 a 03 de maio às 24h, dia 05 às 16h e 21h30.
Org.: Arte à Parte, TEUC, Reitoria da UC, TAGV.

Dia 05 | sáb

19h | *Museu Nacional Machado de Castro* “Open Field String Trio + Burton Greene. Espetáculo com a participação do trio de cordas Open Field String Trio, com o pianista Burton Greene
Org.: Double Bill, Jazz ao Centro, Reitoria da UC, TAGV.

21h30 | *Conservatório de Música de Coimbra* Concerto do Quarteto Chileno “Schwenke y Nilo”. Um dos principais representantes do estilo Canto Nuovo, desenvolvido no Chile na década de 1980, inspirados na tradição da Canção Social e pelas belezas naturais Chilenas.
Org.: CCDD.

Dia 16 | qua

21h30 | TAGV - *Sala Principal*
“Cinemusicorium” - Onde o som apresenta a imagem e a música nos traz cinema”.
Concerto com Orquestra Clássica do Centro, sob a regência do Maestro Artur Pinho Maria e apresentação de Vasco Otero, transmitido em direto pela RUC.
Org.: OCC, RUC, TAGV, Reitoria da UC, TAGV. Patrocínio: Critical Software.

Dia 17 | qui

21h30 | TAGV - *Sala Principal*
“Navegar”. Concerto com Orfeon Académico de Coimbra e Tuna Académica de Coimbra. No repertório peças musicais harmonizadas para coro misto e orquestra, temas que ilustram a relação entre Portugal e Brasil.
Org.: OAC, TAUC.

Dia 18 | sex

21h30 | TAGV - *Sala Principal*
Teresa Salgueiro, concerto de lançamento do novo álbum de originais, “A Espera”.
Org.: Reitoria da UC, TAGV.

Dia 30 | qua

14h | *Estádio Universitário*
Torneio de Boccia Sénior. Realização de jogos de boccia, direcionados para maiores de 60 anos.
Org.: FCDEF-UC

Dia 26 | ter

21h30 | TAGV - *Sala Principal*
“Pequena História Trágico-Marítima”, texto e encenação de Jorge Loureiro Figueira, design de Filipa Malva.
O espetáculo teatral criado a partir de relatos e testemunhos de várias pessoas, de fragmentos biográficos e históricos, de memórias pessoais e da memória coletiva, é uma alegoria das relações culturais entre os povos de Portugal e do Brasil. Dias 26 e 27 de junho, 21h30.Org.: Estudos Artísticos - FLUC, Reitoria da UC, TAGV.

J U L H O

Dia 3 | seg

21h30 | *Pátio das Escolas*
Concerto Ivans Lins, Carlos do Carmo e Coro dos Antigos Orfeonistas.
Org.: Coro Antigos Orfeonistas, Reitoria da UC e Câmara Municipal de Coimbra (CMC).
Patrocínio: Turismo de Coimbra

Dia 4 | ter

21h30 | *Mosteiro de Sta Clara a Nova (antigo Quartel)*
Orquestra Clássica do Centro. Concerto com participação do regente Luís Gonçalo Petri e a solista Taís Bandeira.
No programa, obras de João de Sousa Carvalho, Joly Braga Santos e Heitor Villa-Lobos.
Org.: OCC, Reitoria da UC.
Patrocínio: Embaixada do Brasil em Portugal

J U N H O

Dia 2 | sáb

21h30 | *Mosteiro de Sta. Clara a Nova*
Niraj Singh + José Valente and Experiences Of Today. Uma viagem artística que atravessa inúmeras barreiras sociais e estéticas, que reforça uma ligação cultural profunda entre dois países ligados pela história (Portugal e Índia).
Org.: Arte à Parte, Reitoria da UC, TAGV.

21h30 | TAGV - *Sala Principal*
“Nano T”, encenação de Alexandre Lemos. Nano T. é um projeto de teatro à nano escala com recurso aos objetos de observação e manipulação a esta escala já disponíveis na investigação científica em articulação com técnicas associadas ao teatro de objetos. A pesquisa narrativa será centrada na perceção atual da opinião pública sobre a nanotecnologia. Dias 4, 5 e 6 de julho às 21h30.
Org.: Marionet, Reitoria da UC, TAGV.



FERNANDO CALHAU

ISABEL NOGUEIRA*

Fernando Calhau (1948-2002) integra uma geração de artistas portugueses que viveu uma consciência dos pressupostos da designada neovanguarda internacional, também conhecida por vanguarda tardia, que surge como resultado de um processo de esgotamento ou de desintegração das vanguardas históricas de início do século XX, que acabaram com o conceito de obra de arte orgânica, isto é, como unidade, como tradicional relação entre a parte e o todo.

Os anos 60 e 70 do último século refletem uma impressionante rutura com a própria possibilidade de

existência da obra de arte. Num primeiro momento, a arte assumiu a sua propriedade objetual, ou seja, a substituição da representação do objeto pela apresentação da própria realidade objetual – pensemos no *nouveau réalisme* e na *Pop art* –, seguindo-se da supressão do objeto. Por outras palavras, da arte enquanto ideia, particularmente espelhada no movimento conceptual. O termo “arte conceptual” foi primeiramente empregue, em 1967, pelo artista minimalista Sol LeWitt. A arte conceptual como movimento – distinta do conceptualismo enquanto adjetivo quali-

ficativo de diversas manifestações artísticas que incorporam vídeo, *performance*, instalação, etc., – toma corpo – passe-se a ironia – entre meados dos anos sessenta e inícios da década seguinte, e merece destaque neste contexto, uma vez que refletiu especificamente sobre a ideia e a natureza da arte, congregando em si a arte, a teoria e a crítica, sob diversas formas e manifestações, resultantes do culminar da estética processual, na procura do autoconhecimento, conferindo primado ao processo mental.

O trabalho de Calhau insere-se não propriamente numa arte concetual



O MERGULHO DO OLHAR

S/ Título, #99 (Materialização dum quadro imaginário), Fernando Calhau, 1974. Quadro fotografado com cores e tinta da china s/ papel fotográfico (8,5 x 12cm cada). Coleção Fundação Serralves, Porto.

purista, mas num conceptualismo mais vasto. Sobretudo numa visão do mundo. E não num sentido banal, uma vez que toda a obra acaba por ser uma visão do mundo. Mas numa visão da vida. Do respirar, do espaço e do vazio. De tempo e contratempo. Muitas vezes verbalizando em imagem os elementos da Natureza, como o mar e o firmamento, inclusivamente nos filmes *super8*, realizados nos anos 1970.

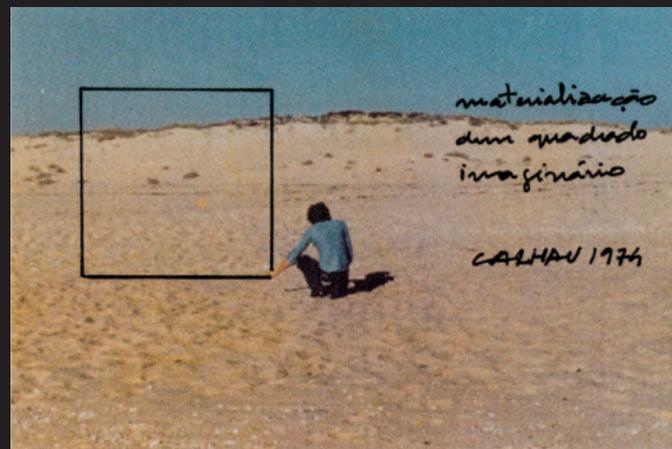
A imagética de Fernando Calhau reporta-se também à janela *albertiana*, aberta sobre a História, e consequentemente sobre o mundo.

A janela imaginária que nos propõe uma outra dimensão, toda ela livre, orgânica e poética. A visão é primeiramente atizada pela imaginação e pelo próprio desejo de ver. E é neste momento de convidar a ver que o trabalho do artista entra num campo expandido, pleno de possibilidades e de emoções. Trata-se da proposta ou do convite a entrar por um universo fora. A deixar-se levar. Ao mergulho do olhar através do espaço imaginário.

A viagem é *cosa mentale* e a imagem assume a possibilidade de corpo em si, pleno de referências e de faculdades operativas, ao incorporar

uma profunda consciência e presença do 'eu' objetual e, portanto, enquanto motivo fotográfico ou fílmico, capaz de extrapolar os limites concetuais pré-determinados, constituindo uma síntese dialética entre sujeito e objeto. O que talvez possamos chamar de natureza viva ou a transformação do objeto em sujeito. Ou ainda o sujeito do olhar que se revê no objeto. E é nesta relação que tudo verdadeiramente acontece.

* Investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20



UM PROGRAMA DE RÁDIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

ELIZAH RODRIGUES*
LUSOFALANTE

“Toda a vez que eu dou um passo, o mundo sai do lugar”, este verso do compositor brasileiro Siba, traduz muito o espírito do *Lusofalante*.

Devo começar por minha infância em Moçambique, pelos pregões cantados pelas mamas com pesados cestos na cabeça, anunciando o que traziam para vender. Os trabalhadores em frente de casa socando a estrada. Um puxava o canto e os demais respondiam em vozes deixando-me extasiada a ouvi-los sentada no meio fio.

Eu estava do outro lado do mundo, bebendo de uma história, de uma música e de palavras que eram

minhas e eu não sabia. Brotavam da minha bisavó escrava trocada por um jegue por meu bisavô português, na Bahia. Assim começa a minha história e a da maioria dos brasileiros. Misturas de partes de raízes que nem bem sabemos.

Quando retornei ao Brasil para meu espanto descobri que a verdade tem cinco lados e ainda há controvérsias. Tiradentes, por exemplo, que lá era um traidor, aqui era herói com direito à estátua, nome nas praças e ruas. Comecei a entender que “o mundo sai do lugar” porque movo o meu olhar através do olhar do outro.

E veio a pergunta, por que não sa-

bemos nada do continente africano? Por que nosso conhecimento de Portugal acaba no bacalhau, no fado e nos poetas renomados? Quem são os novos autores portugueses, moçambicanos, angolanos, guinenses, timorenses, macauenses, caboverdianos, santomenses? Se temos a língua como um facilitador, por que não os conhecemos?

Cheguei à conclusão que somos pouco curiosos uns pelos outros, pela vida, pelo novo, pelo desconhecido. Nos agarramos ao que conhecemos como filhotes de gambás ao pêlo da mãe. Temos medo de cair de nossas certezas.

Na minha recente visita à Coimbra fiquei impressionada com a quantidade de livros e CDs brasileiros que havia nas prateleiras dos amigos.

Senti-me envergonhada e meu desejo foi encher a mala de autores e compositores portugueses que não conhecia. Pelo carinho e presentes destes amigos, vim carregada de novidades.

Também nessa visita ganhei palavras novas, como marinar. Adorei esta palavra e passei a usá-la. Traz o sentido de deixar pegar o sabor, o tempêro até estar no ponto de virar uma bela refeição.

Quando adquiro uma palavra do outro, é um pouco do outro que começa a fazer parte de mim.

Quando chego à Moçambique, da

mesma forma, encho minha mala de CDs, peças de arte, livros, de artistas que aqui não conhecemos.

Malangatana Ngwenya, artista moçambicano, tem apenas um trabalho no Brasil e nunca expôs aqui. Faleceu em janeiro de 2011 e disse para o *Lusofalante*: “levar minha obra é como levar pitéus esquecidos pela distância geográfica. E no Brasil, mesmo pessoas que nunca estiveram em África, ao tocarem e olharem, revivam o ontem deixado cá”.

No Brasil da mesma forma sabemos pouco uns dos outros. Em um Seminário de Contadores de Histórias no Rio de Janeiro perguntei aos participantes dos vários estados brasileiros como chamavam pão. Listaram mais de 20 nomes para o mesmo pãozinho.

Dizia Chico Buarque “em cada ribanceira uma nação”. Assim somos aqui. Milhares de nuances, sonoridades, variedades da mesma língua.

Tínhamos 1200 nações indígenas, das quais restam 180, significam 1200 povos com culturas, línguas, misturadas ao que somos hoje. Até o decreto de Marquês de Pombal em 1759, tornando obrigatório o uso da Língua Portuguesa, os portugueses que aqui viviam falavam tupinambá. Sendo a língua um ser vivo, orgânico, reciclável que se inter-relaciona desde sempre, gosto de pensar na Geografia estendida da Língua.

Em Changana, uma das línguas de Moçambique, na palavra “mafacite-la”, que significa óculos, temos face, do português.

A língua é tão viva que hoje convocamos para um “tuitaço”, “skypeamos” com os amigos e “deletamos” o que não interessa.

Se pensarmos que nossa audição é autoral e única, que em cada pessoa há um universo de significações no modo como ouve, as possibilidades da língua ficam infinitas.

Em uma oficina, mostrei uma peça de áudio e pedi para que dissessem o que tinham ouvido. Um disse “é uma chuva”, outro “são passos na pedra” e outro “é uma bicicleta passando”. E era o mesmo som.

É fascinante pensar nos 250 milhões de pessoas falando a mesma língua diversa e autoral com as quais eu poderia estar conversando neste momento. Me faltará vida para ver tudo, para vestir minhas orelhas de elefante e comer o mundo com os ouvidos, para despregar meus pés e ver o mundo sair do lugar.

O diferente, o outro, na verdade está bem ao lado.

Um músico pegou um táxi em Salvador e perguntou ao motorista se conhecia determinado endereço. Ele respondeu-lhe: “um talvez definitivo eu não posso lhe dar, mas um quem sabe, com certeza”. É lindo e virou verso de

letra de amor da compositora Suely Mesquita.

Eduardo Galeano fala de um novo planeta que está sendo gestado por este já velho e combalido. Essa idéia me agrada, um movimento quase silencioso, cidadão, coletivo, que busca a mudança, que virá como fruto do que não soubemos fazer até aqui.

Que não nos falte curiosidade, nunca! E que joguemos as certezas na pasta da lixeira e pensemos no que diz Koellreutter, maestro: «tenham uma placa com um “por que?”, em cima da cama, para lembrarem-se de perguntar “por que?” logo ao acordar».

Destes antigos “por ques?” e do encontro com amigos especiais nasceu o *Lusofalante*.

* Diretora, roteirista e produtora do programa de rádio *Lusofalante*

Lusofalante é um programa de rádio que reúne entrevistas com artistas, lingüistas, escritores, poetas dos diversos países de língua portuguesa e é sublinhado pelas músicas destes lugares (programalusofalante.blogspot.com). O objetivo é criar pontes através da língua e da arte. Está disponível em www.arpub.org.br e pode ser utilizado como material didático, para uso educacional e cultural. Participa na XIV Semana Cultural da UC juntamente com a Fundação Casa Grande e amigos do Brasil, Moçambique e Portugal, com conversas, montagem de uma Escultura Sonora e recolha de material para futuros programas.

REPERCUSSÕES DA VIAGEM EM CAMÕES

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA*

1. A leitura dos efeitos da viagem – cuja multidimensionalidade (física e interior, de ação e de pensamento, de catábase e de anábase, histórica e mítica, empírica e simbólica) foi reexplanada com erudita energia interpretativa por Helena Langrouva – pode inscrever-se num quadro matizado de tradição e renovação crítica. Por um lado, desde a predestinada situação geográfica até ao valor providencial atribuído aos fastos da sua historicidade (VII, 3, 5-7), Portugal surge como Nação eleita, para agir em prol de uma superior realização civilizacional dos valores cristãos (II, 46, VII, 84-86); e *Os Lusíadas* enaltecem a *uirtus* superlativa do “peito ilustre lusitano” para esse movimento progressivo e ascensional nos planos do conhecimento, da moral e da beleza, formulando as consequentes exigências e valorações de justiça e piedade, de cultura e heroísmo, de arte e amor.

Por outro lado, *Os Lusíadas* estruturaram-se como obra tensa, com dois eixos – história de uma *fundação* e história de uma *viagem* – que obedecem a lógicas ao mesmo tempo complementares e contrastadas. Em sentido mais óbvio, mas talvez não mais verdadeiro, a *fundação* vem de trás (no curso do que se foi apodando de “crónica rimada”) e destina-se a consumir-se como “novo reino” no termo da história da *viagem*. Mas, afinal, a *viagem* não coincide com o pressuposto modelo da fundação de uma identidade exemplar e da necessidade de um destino coletivo. Com efeito, no presente vivo

d’ *Os Lusíadas*, em que o tempo da narração vai de par com o tempo da ação e reina a estilística da evidência (iconicidade, deícticos, aspeto verbal de imperativo e indicativo...), a *viagem* expõe os seus protagonistas nacionais ao desconhecido, à diferença, à incerteza, e desenrola-se segundo a modalidade do possível e do contingente, de ambos os modos intensificando no *anthropos* a autoconsciência da condição de «bicho da terra tão pequeno».

A tal ponto assim é que estudos recentes relacionam a redação alongada d’*Os Lusíadas* entre 1555 e 1570 – tempos de viagem para o próprio autor – com uma evolução de Camões em relação às consequências do regime imperial e em relação à poética estruturante do seu discurso. Nessa ótica, sob o *efeito da viagem* Camões parece passar de uma atitude de euforia para outra avaliação mais sombria: não renega o louvor da Pátria, nem repudia o princípio de que o Cristianismo é o destino do mundo, mas quebra o *pathos* da ideologia triunfante e põe sob caução o mesianismo lusíada; e parece alterar o plano inicial do poema, porventura com passagem (VII, 78-87) de uma estética de representação da gesta histórica de Portugal para uma estética platónica de projeção do paradigma ideal, em acutilante contraste com a realidade empírica.

2. Como recapitulou magistralmente Aníbal Pinto de Castro, toda a obra de Camões, na épica como na lírica, é discurso de *homo uiator* – do

homem português da diáspora imperial, com a vida “pelo mundo em pedaços repartida”, e do síngulo inquieto e irrequieto, “peregrino, vago e errante”.

Na épica, o “saber só de experiência feito” da viagem pode parecer sustentar certa ufanía epistemológica (epocalmente cristalizada em torno do ver: “vi, claramente visto”, “os casos vi”, etc.), mas não garante duradoura euforia existencial e mundividente. Na lírica, a deslocação como “apartamento” e outros movimentos circunstanciais convergem com múltiplas experiências que conduzem à iminente adesão a uma conceção desastrosa do amor no quadro de uma visão negativa da vida. Numa reversão irónica das ilações da soberania do *ver/saber*, o sujeito do discurso poético assevera, em função do curso da sua vida: “vi mágoas, vi misérias, vi destertos” e “Na vida desamor somente vi”. Graves inferências daqui decorrem, naturalmente. Mas, tal como também descobrirá para o sujeito coletivo da grei lusíada em que se integra, vai ainda mais fundo a desconstrução da perspetiva otimista com que se lançara na viagem da existência: atinge radicalmente a confiança nos dotes e aquisições gnoseológicas – “Conheci-me não ter conhecimento” – e motiva um perentório juízo negativo sobre o decurso da existência pessoal e sobre o seu entendimento projetivo ou/e retrojetivo: “Errei todo o discurso de meus anos”.

A crise epistemológica agudiza-se por via do confronto insofismável



com os “casos”, que a *viagem* potencia. No discurso inquiridor e problematizante da épica e da lírica de Camões, mais do que accidental o “caso” é perigosamente aleatório; mais do que marcante, o “caso” camoniano é acontecimento heideggeriano após o qual a realidade (ou a relação do sujeito com ela) se torna irreversivelmente outra; mais do que estranho, o “caso” camoniano é perturbadoramente “duvidoso”, na medida em que fica a pairar a mais inquietante dúvida sobre a sua natureza, sobre a sua causa ou razão de ser, enfim sobre o sentido que lhe deva ser atribuído ou o sem-sentido que dele decorrerá. Daí que o “caso” seja fator formidável da vertigem de absurdo que irrompe na deriva discursiva de Camões, a dada altura sob o signo da suspeita de que na vida humana e no mundo reina o “desvario” e não o pressuposto “regimento” (do sentido e do divino).

3. Compreende-se, pois, que tenham surgido leituras de uma dimensão iniciática, diversa das viagens rituais do orfismo, na *viagem* lusíada ou na *viagem* camoniana. À margem de leituras com pressupostos sistematicamente esotéricos ou de sondagens dos detetáveis veios gnósticos, ressalta a perspectiva hermenêutica com instrução arquetípica desenvolvida por Helder Macedo, sobre a viagem para o desconhecido. No plano cívico, depara-se-nos a viagem coletiva que, guiada por Vénus/Amor, equivale a processo de elevação da experiência em conhecimento, de regeneração do “apetite em razão” e da “cobiça e prepotência em justiça e aliança”; mas assim vale também como alargamento da identidade comunitária a um sentido superior da História e a uma conceção outra de Humanidade. No plano autoral e discursivo, essa *viagem* propicia a iniciação do próprio Camões à imortalidade na responsabilidade bárdica

do canto, na aprendizagem da livre humanidade para além do medo, no inconformismo do conhecimento perante a desrazão do mundo.

Não foi apenas essa, porém, a alteração de leitura que a *viagem* veio suscitar em relação a *Os Lusíadas*. Antes foram surgindo leituras pós-imperiais que vão sobredimensionar as reservas que mesmo em estudos tradicionais se levantavam à modelar heroicidade patriótica tão lisonjeiramente reconhecida aos portugueses. Se já para Bowra o “sense of justice” dos protagonistas portugueses em várias conjunturas históricas “verges on cruelty”, as referidas novas interpretações d’*Os Lusíadas* deslocam-nos para outro plano de contundente requisitório. Porventura demasiado dirigidas por um “commitment to the political analysis of that problem which effectively goes on in the poem” (Hélio Alves, “Post-Imperial Bacchus: The Politics of literary criticism in Camões studies 1940-2001”, in *Post-Imperial Camões*, Dartmouth, 2003), essas leituras de um “veneno encoberto” ou “engano fabricado” como programa subliminar do poema não podem deixar de intervir na reponderação das repercussões da *viagem* no discurso camoniano e do estatuto que nele cabe àquilo e àqueles que não tinham lugar no ecumenismo legitimador da expansão imperial portuguesa (do Poder ocidental e da religião católica) e também às classes sociais que em Portugal (e na civilização cristã da Europa) eram desfavorecidas, desprestigiadas, marginalizadas ou silenciadas.

Nessa senda, Luiza Nóbrega vem desenvolvendo uma análise inferencial de implicações contextuais e intertextuais (parcialmente mitocríticas) com forte coeficiente de dissidência ideológica (individual e de facção) perante o que seria a superestrutura político-religiosa do Império. Daí, a aposta numa isotopia camoniana da

“contradição da proposição épica” por figuras, com valor arquetípico (e provável presença subliminar de Garcia da Orta), de Velho Sábio, de aspeto venerando mas descontente e admoestador. Nesse âmbito, Baco avulta na atualização, já em tempos alvitada por Jorge de Sena, do arquetipo de divindade proscri-ta mas irredutível e de humanidade epocalmente submetida mas inconformada.

Parece-me, todavia, que tanto o esforço recorrente para colocar o discurso da *viagem* sob uma intencionalidade autoral (camoniana) de perspetiva crítica, quanto as vozes outras que na *viagem* alcançam a primazia ideal do Amor e da Justiça, a prevalência do saber sobre o poder, a supremacia dos valores e da liberdade sobre as convenções e sobre a ordem vigente (tão estamentária quanto preconceituosa), podem ser lidos, com maior coerência de aferição pela hermenêutica textual, sem rutura com o argumento proposicional d’*Os Lusíadas* (como mostram V. M. Aguiar e Silva e Thomas Earle).

É certo que os portugueses viveram a *viagem* em grande parte como a antevira o “velho honrado” do Restelo (e outros Velhos “sábios” e “venerandos”), isto é, como experiência de separação e de perda; e, em grande parte, sobrepuseram à *viagem* aquilo que Baco induz ao Xequê de Moçambique como ponto de vista dos povos “descobertos” e queridos como “subalternos”: a Conquista, isto é, predação, engano, destruição, roubo, domínio da servidão... (I, 78-79). Em todo o caso, um dos aspetos mais positivos do inesperado da *viagem* – a diversa humanidade que ganha vida n’*Os Lusíadas* – vê corresponder-lhe a proliferação dos pontos de vista, principais e secundários, nas diversas falas em nome próprio ou citadas diretamente, “com o mesmo direito à palavra, sem censura política”, como brilhantemente dilucida

Fernando Gil no seu ensaio sobre O efeito Lusíadas.

Esses rasgos confluem congruente-mente no humanismo cívico (neo-ciceroniano e cristão) que impregna a obra poética de Camões, como aprendemos em Luís de Sousa Rebelo e outros camonistas. Aliás, creio que não podia ser de outro modo, na medida em que a polifonia discursiva de Camões, enquanto poeta maneirista dessa assimilação cristã do humanismo cívico, antecipa a advertência de Simone Weil: “A força [e a pretensão de Verdade totalizante] petrifica[m] as almas, mesmo quando se tem razão...”.

4. Como Tétis ensina ao Gama no ápice do episódio da Ilha namorada, a *viagem* é o modo de atingir o conhecimento superior – não apenas nem sobretudo o conhecimento exógeno do universo físico-natural (o da “máquina do Mundo” e outro), mas antes do mais o conhecimento endógeno “pera que vejas por onde vás e o que desejas” como homem. Tudo isso conota outra modalização da antropologia literária que ao mesmo tempo sustenta e decorre do devir diegético e discursivo d’*Os Lusíadas*. De facto, na *viagem* da grei (e retro-activamente também na fundação), tanto é posta à prova o *ethos* da (auto) superação quanto é posto em causa o *ethos* do titanismo. O mesmo se diga para a *viagem* (iniciática) do Poeta. Nessa epopeia e na lírica das *Rimas*, ao mesmo tempo que viaja pelas profundezas da sua natureza humana, pelas suas ricas potencialidades e pelos seus incontornáveis perigos (que a voz de Baco também traz à poesia de Camões), o Poeta avança sofridamente na aceitação do seu destino mortal e também no reconhecimento de uma antropologia do limite. Porém, essa gradativa conversão a uma antropologia do limite, que vai de par com a assumpção da responsabilidade pelo exercício do livre-ar-

bítrio e por boa parte das vicissitudes existenciais, não envolve cedência a uma poética da evasão ou da alienação, nem a uma ética da rendição ou da acomodação. N’*Os Lusíadas* como nas *Rimas*, o Camões que diz (pensa e vive) *virtude* como verdade operativa e eficiente (veja-se, por exemplo, a elegia V, “Se quando contemplamos as secretas”) acompanharia o Maquiavel dos *Comentários a Tito Lívio* neste ponto fulcral: a *virtù* é meio de resistir à submissão *cega* aos efeitos da Fortuna. Enquanto na semântica da sua poesia prevalece pessimista visão do mundo e da vida, submetidos ao absurdo “desvario” determinado por um Destino malévolu e consentido por um Deus *absconditus et otiosus*, resta ainda - perante o bloqueio do “livre alvedrio” e o descrédito da Providência divina - a resistência da consciência lúcida e a proto-nietzscheana liberdade na necessidade; e, ao passo que n’*Os Lusíadas* a conversão através da *viagem* interior da grei e do Poeta projeta o desejo de festa e de luz, de razão e de paz, para o horizonte da mudança visionária no episódio da Ilha dos Amores, nas *Rimas* aquela mundividência negativa é agonicamente enfrentada e dialecticamente superada, pela razão iluminada pela Graça e pela vontade ascética confortada pela oração; e, então, a antropologia do limite ganha as fronteiras do agustiniano “entendimento superior” e da livre, embora condicionada, responsabilização pessoal no *agone christiano* contra as forças adversas da Natureza amoral e contra as múltiplas e insidiosas formas de desconcerto do mundo.

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Curador da Casa da Escrita (Coimbra)

PENSAR FORA DA CAIXA

A IMPORTÂNCIA
DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS PARA
A ECONOMIA NACIONAL

Já não faz sentido a utilização do termo “navegar” quando se está a falar da internet. Não porque Pessoa se chateie muito com isso, mas porque há já muito tempo que deixou de existir um botãozinho *on / off* que nos separasse da rede, e já nem precisamos de estar assim tão guardados para a utilizar.

Agora que as novas plataformas se transformaram no acesso contínuo ao mundo, deixámos de utilizar a internet com um propósito definido. Tornámo-nos abertos a distrações, dispostos a seguir trilhos que, a cada passo, têm centenas de possibilidades diferentes. Passámos a organizar e seleccionar os nossos próprios conteúdos, a levá-los conosco. E muito por causa dessa portabilidade, é assim que passámos a encarar a nossa experiência na vida real, é assim que nos conectamos com a cultura, o entretenimento ou o jornalismo.

É boa altura para explicar porque é que este texto está a aparecer por aqui: desde 2010 que estamos a produzir em Coimbra um projeto chamado *Pensar Fora da Caixa*, uma conversa sobre criatividade e indústrias culturais. E discutir estes assuntos na atualidade também significa obrigatoriamente abordar

comunicação e tecnologia, as duas linhas do tecido com que se unem as diferentes gerações. Cada peça, cada acontecimento, cada marca, cada espetáculo, tem mais do que um interface com o público e passou a viver muito para lá do seu ambiente, seja ele temporal ou espacial.

Por isso, navegar adquiriu todo um outro sentido, a nossa própria navegação pessoal entre ilhas, portos. Fazemo-lo nos festivais, onde diversos palcos competem pela nossa atenção ao mesmo tempo. Numa rua em que metade das portas são lojas e a outra são galerias.

Muitas vezes, antes do artista, há um conceito-contendor, uma ideia mobilizante que nos chama a atenção. Deparamo-nos com isto quando temos que, enquanto organizadores de um evento, responder ao desafio de inventar novas formas de incluir mais conteúdos ou explorar um formato que já está estabelecido e cruzá-lo com outros. Estamos, no fundo, a questionar o nosso papel.

A Experimenta Design, a Trienal de Arquitetura, o Próximo Futuro, o Estaleiro: muitos dos projetos culturais mais interessantes da atualidade são agregadores, trazem referências de outros, servem para criar públicos, dos que estão a aprender a navegar até aos que estão simplesmente a tentar navegar por entre a crise. Muito para lá de um simples serviço educativo, esse esforço começa na estratégia de promoção. E é possível perceber também que, nos últimos tempos, o que tem unido estas marcas é a vontade de desenhar programas a médio-prazo, narrativas contínuas que nos fazem, enquanto audiência, querer sempre atracar nestes portos.

E continuam a existir figuras-guia. Referências. Faróis.

Os curadores tornaram-se hoje personalidades centrais da cultura, ao lado da comunidade criativa. Um conceito cada vez mais lato que inclui muitas das pessoas em quem confiamos para nos mostrarem aquilo que de mais interessante está a acontecer. Programadores de espaços, *chefs* que reinventaram a gastronomia, radialistas, diretores de projetos editoriais: a curadoria serve de apoio a essa navegação real. Promovem encontros, oferecem-nos uma visão crítica, seleccionam, fazem-nos descobrir por menores, correntes dentro de um cenário alargado. São produtores de uma experiência. As peças que, por vezes, na engrenagem dos dias, nos passam despercebidas.

Uma das nossas funções é explicar este conceito a quem interage conosco, providenciar o contexto, porque este é o tema da nossa próxima edição que acontece em abril. Uma conferência, uma exposição, um festival com novos projetos musicais e um acompanhamento em diversos meios que potencia tudo o que criarmos durante o fim de semana.

Coimbra é cidade anfitriã, pelo eixo de parceiros institucionais e pelo convite que fazemos à comunidade, mas também pela partilha de redes de contactos e pela importação de *know-how*, serviços e ideias. Fazê-lo agora porque é urgente juntar curadores, criadores, decisores, investidores e públicos. Mas fazê-lo de forma informal, promover conversas laterais, abri-lo à construção e interpretação pública.

Aviso à navegação: em ano de crise do capital e de capital em crise, há uma janela de oportunidade para pensar cultura para uma nova geração.

* Diretor criativo da PR360/curadoria e produção do *Pensar Fora da Caixa*

AVENTURA, CIÊNCIA E SABER NO CENTENÁRIO DA CHEGADA AO POLO SUL

JORNADA NO GELO

SÉRGIO NETO*

Usualmente conhecida pela exuberante fauna que habita o litoral, pelo “buraco” da camada de ozono e por algum turismo que busca contemplações paisagísticas de rara beleza, a Antártida é, nas palavras de um historiador das explorações polares: “um dos poucos lugares na Terra onde o poder da Natureza é sentido com tanta dureza. Longe da costa não existe vida. É um ambiente clínico, sem doenças, animais selvagens ou presença humana, onde a sobrevivência depende da inteligência. Em certos aspetos a Antártida pode parecer amistosa ou, pelo menos, benigna. A neve é, acima de tudo, uma grande aliada. Oferece abrigo, bebida, é um material de construção e funciona como uma autoestrada. Trata-se, porém, de uma perigosa ilusão. A Antártida é um ambiente hostil, onde nada deve ser tomado por garantido”.

Embora alguns contornos vagos figurassem nos mapas setecentistas, apenas nos finais do século XIX e inícios do século XX se começaram a desvendar os segredos do enigmático continente austral. Grande parte da costa permanecia desconhecida, o interior um mistério. Diversas expedições sucederam-se – cerca de uma dezena na primeira década do século passado – começando a cartografar o novo espaço. Ao mesmo tempo, no outro extremo do globo, a exploração prosseguia a um ritmo não menos febril rumo ao pólo geográfico.

Na peugada das viagens oitocentis-

tas ao *hinterland* africano, estes homens procuraram conjugar aventura e ciência, dimensões que possuem o denominador comum da curiosidade. Mas, sendo filha do seu tempo, a exploração polar também comungou de outros vetores que nortearam as viagens ao interior africano, ou seja, o nacionalismo e o imperialismo. Com efeito, o orgulho nacional associado ao ato descobridor inspirou o desbravamento, conquista e ocupação de novos lugares. De resto, ao longo de quase todo o século XIX, o surgimento de Sociedades de Geografia, organizadoras e mecenas destas demandas territoriais, acabou por responder às inquietações expansionistas europeias.

Após duas tentativas britânicas goradas para atingir o Pólo Sul, duas novas expedições abalçaram-se ao feito em 1910/12: uma inglesa, liderada por Robert Falcon Scott (1868--1912), composta por oficiais e marinheiros da Royal Navy, veteranos das tentativas anteriores e diversos cientistas: zoólogos, geólogos e meteorologistas, os quais dinamizavam palestras *in loco*, no que ficou conhecido por “Universitas Antarctica”; a outra, norueguesa, chefiada por Roald Amundsen (1872-1928), que integrava experientes viajantes polares e até um campeão de esqui. Enquanto a primeira pretendia proceder a uma série de investigações e chegar ao pólo, a segunda tinha o pólo como quase único objetivo.

Assim, gerou-se o sentimento de uma verdadeira corrida a dois, que emocionou vivamente a opinião pública. Sobretudo, porque, a princípio, Amundsen planeava dirigir-se ao Pólo Norte, tendo desistido quando soube que fora precedido por outro explorador: restava o Sul. Temendo que os seus patrocinadores o abandonassem, logo que suspeitassem da mudança de planos, rumou em segredo à Antártida. Scott tomou então conhecimento de que não corria sozinho.

Enquanto esperavam pelo verão austral em abrigos situados na costa, ambas as expedições procederam aos preparativos, enterrando alimentos e combustível em depósitos ao longo de parte do percurso a fazer em direção ao pólo. Estes depósitos permitiriam reduzir o peso dos trenós, cuja tração foi pensada de maneira diferente pelas duas expedições.

Os ingleses recorreram a meios tecnológicos modernos, empregando veículos motorizados adaptados à neve, mas também pôneis e cães. Porém, quando as máquinas falharam e os pôneis morreram, os homens atrelaram-se aos trenós. Por seu lado, os noruegueses confiaram exclusivamente na força canina, empregando animais oriundos da Gronelândia acostumados àquelas condições climáticas.

Ainda que tivessem apostado na tecnologia centenária e tradicional dos Inuit (esquimós), patente na roupa e no meio de transporte usados, os no-

noruegueses não ignoraram os mais recentes contributos de algum discurso científico da época. Não defendia então o antropólogo Franz Boas (1858-1942), pioneiro na crítica ao conceito de raça, que nem sempre uma sociedade tecnologicamente avançada se encontra melhor adaptada ao seu meio ambiente do que uma outra possuidora de menos recursos? Pois a técnica dos Inuit – hábeis condutores de cães no Ártico – aplicada num ambiente similar, parecia confirmar a intuição de Boas.

Deste modo, a 14 de dezembro de 1911, no coração do mais remoto dos continentes, naquele lugar onde os meridianos convergem e entronca o eixo imaginário da Terra, Amundsen hasteava a bandeira do seu país, tornando-se o primeiro ser humano a atingir aquelas paragens. Acompanhavam-no quatro compatriotas e os 16 cães sobreviventes de uma campanha de mais de 1300 quilómetros através do gelo. Igual distância faltava agora percorrer na viagem de retorno ao litoral.

Se Amundsen logrou voltar em segurança, o mesmo não sucedeu com Scott. Vencido e desiludido, tendo chegado ao pólo mais de um mês após os noruegueses, enfrentou com os quatro companheiros de jornada condições meteorológicas cada vez mais adversas. Estas ditaram a morte de todos os membros do grupo, devido à fome, ao frio e à exaustão, nos finais de março de 1912, a escassos 18 quilómetros de um importante depósito de provisões. Por outro lado, os seus organismos tinham sido sujeitos durante longos meses a uma dieta pobre em alimentos frescos, naturalmente debilitante, numa época em que a Vitamina C ainda não tinha sido descoberta. Mas nem o combate desesperado pela vida impediu a recolha de algumas amostras geológicas durante a viagem de regresso. Ciência e aventura lutavam até ao fim contra a fatalidade.

Em última análise, depois das grandes conquistas coloniais do século XIX,

mas antes da corrida espacial dos anos 50 e 60 do século passado, o empreendimento antártico representou o princípio do fim de uma era, na qual heroísmo e ciência ombreavam, e os homens tendiam a colorir a aventura com propósitos científicos. Curiosamente, se a exploração do sexto continente muito deveu ao orgulho nacional, numa altura em que rapidamente se caminha-

va para a catástrofe da Primeira Guerra Mundial, o Tratado da Antártida (1959) tem consagrado a cooperação internacional no que à ciência respeita, definindo um território comum de entendimento entre os diversos países.

* Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20



ENVELHECER COM SUCESSO

A ATIVIDADE FÍSICA NA DANÇA
DOS ANOS E DAS IDADES

Ser fisicamente ativo tem sido associado desde tempos imemoriais com melhores níveis de saúde, melhor funcionalidade e mesmo maior longevidade, não só pela comunidade médica, mas também por filósofos, educadores e intérpretes de outras áreas científicas. No entanto, foi apenas na segunda metade do século passado que surgiram estudos com características verdadeiramente epidemiológicas a afirmarem em definitivo o contributo da atividade física para a existência de níveis de saúde positiva. O modelo paradigmático de relações complexas e biunívocas entre a atividade física, a saúde e a condição física, que sustenta todo o vasto corpo de conhecimento científico que tem sido produzido nos últimos anos, foi apenas publicado no

RAUL A. MARTINS*

consensus de 1994. Está, portanto, a falar-se de um tema antigo que tem sido alvo de um recente impulso confinado às últimas décadas.

Envelhecer com sucesso é um conceito de difícil definição atendendo à sua natureza multifacetada, derivada de um conjunto de determinantes biológicas, mas também psicológicas e sociológicas. Contudo, permanecer saudável e autónomo poderá ser o fator isolado mais determinante para um processo de envelhecimento bem sucedido. Embora considerando a dificuldade na caracterização de *pessoa idosa* - que tem contribuído para o surgimento de designações várias, mais ou menos metafóricas - e de *envelhecimento*, assim como as assimetrias existentes nesse mesmo processo em diferentes territórios do globo, ou mesmo entre homens e mulheres, creio que o foco da investigação tem vindo a ser dirigido, e bem, para o papel da atividade física na compressão da morbilidade nos últimos anos de vida. Isto é, depois de conquistados valores consideráveis de esperança de vida à nascença, e recorde que em Portugal se situa nos 79,2 anos (INE, 2010), o pêndulo muda progressivamente da dimensão quantitativa para a dimensão qualitativa do envelhecimento.

Qualidade de vida significa satisfação com a vida, compreendendo a funcionalidade efetiva mas também a perceção de funcionalidade. É, assim, um conceito pessoal, subjetivo, cujas determinantes são também elas do foro particular. No entanto, pese embora esta complexidade, que implica alguma falta de rigor na definição, há fatores como a função física, o estado de saúde, a energia e vitalidade, a função sexual, a função emocional, a sensação de bem-estar, a função cognitiva, a função social, a atividade recreativa ou o estatuto económico que, de forma mais ou

menos pronunciada, integram o conceito de qualidade de vida nas pessoas idosas. Importa aqui realçar as consequências positivas de um estilo de vida ativo sobre a maioria dos fatores atrás elencados, o que confere uma centralidade ímpar à atividade física na melhoria da qualidade de vida e compressão da morbilidade das pessoas idosas.

Em Portugal, a prevalência de pessoas com 65+ anos tem vindo a aumentar: 13,6 por cento (1990); 16,4 por cento (2000); 18,2 por cento (2010). A faixa das pessoas com 75+ anos tem igualmente vindo a subir, mas a um ritmo superior: 5,4 por cento (1990); 6,8 por cento (2000); 8,6 por cento (2010). Ou seja, enquanto a totalidade de pessoas com mais de 65 anos cresceu 17 por cento na década 1990-2000, e apenas 10 por cento na década 2000-2010, a prevalência das pessoas com mais de 75 anos aumentou 21 por cento em cada uma das décadas. O que significa que o número de pessoas mais idosas aumentou na última década a uma taxa que é mais do dobro da variação total de idosos. Estes números representam, sem dúvida, conquistas sociais importantes. Mas colocam, igualmente, um conjunto de desafios, particularmente numa sociedade com as especificidades económicas e sociais conhecidas.

Os custos com os cuidados de saúde são tema com lugar cativo nas discussões da área. Os mais recentes dados da OCDE indicam que Portugal gasta 10,1 por cento do PIB nas despesas totais de saúde, colocando o país numa zona intermédia entre os mais desenvolvidos economicamente. Senão, vejamos alguns exemplos: Suécia (10 por cento), Reino Unido (9,8 por cento), Noruega (9,6 por cento), Espanha (9,5 por cento), Canadá (11,4 por cento), Alemanha (11,6 por cento), França (11,8 por

cento) e EUA (17,4 por cento). Não sendo este cenário desanimador, quando se analisam especificamente as despesas com produtos farmacêuticos e outros produtos/serviços médicos não duráveis, verifica-se que Portugal afeta 21 por cento do valor acima referido, o que lhe confere lugar cimeiro entre os países mencionados. Também neste domínio a atividade física desempenha papel relevante, existindo já um corpo robusto de evidência científica internacional que aponta claramente para um aumento tendencialmente exponencial com gastos na saúde, e em particular com o consumo de medicamentos, à medida que a idade avança, mas de forma muito mais pronunciada entre as pessoas idosas inativas.

A Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, consciente do seu papel problematizador, tem vindo a fazer um esforço significativo para se afirmar na linha da frente da investigação sobre efeitos da atividade física na melhoria de várias constelações de fatores que concorrem para a qualidade de vida de pessoas idosas. Importando, a esse propósito, destacar as preocupações com a prevenção primordial, primária e mesmo secundária das doenças cardiovasculares, com a imunologia ou com os custos associados ao consumo de medicamentos, de que têm resultado várias publicações em revistas com fator de impacto. Claro que há ainda algumas barreiras socioculturais à afirmação da atividade física no estilo de vida das pessoas idosas. Mas já não há hoje quem se atreva a negar a sua importância, o que nos reforça o entusiasmo.

* Professor da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES E ESTUDANTES BRASILEIROS EM COIMBRA

UM “PORTO SEGURO” PARA OS
ESTUDANTES
BRASILEIROS QUE
APORTAM A COIMBRA

36

APEB | COIMBRA

“Navegar é preciso, Viver...”

Ao debruçar sobre as várias interpretações, questões e indagações que advêm desta pequena frase, apenas, ou só apenas vem a mente uma outra simples palavra que é transição.

Só os que já vivenciaram a experiência de migrar, conseguirão ter a sensibilidade de perceber todas as mais variadas sensações e sentimentos que trás um momento de transição, sendo principalmente os de dúvida, medo, saudade, expectativa, esperança, felicidade, e é justamente aqui, neste turbilhão de sentimentos, que o “viver” do verso (“navegar é preciso, viver...”) ganha realmente significado.

A cidade de Coimbra e sua famosa Universidade são multiculturais. No primeiro Semestre do ano letivo de 2011/2012 a Universidade de Coimbra (UC) acolheu alunos estrangeiros provenientes de 42 países diferentes e foi considerada, em 2011, a melhor universidade portuguesa no “QS Top World University Rankings”, tendo como peso valorativo nesta classificação o número de estudantes internacionais.

A APEB-Coimbra

A Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra (APEB-Coimbra) nasceu em 2004, com um espírito de entreaajuda e a constatação de uma necessidade de melhor acolher os muitos estudantes brasileiros, tendo sempre como

missão, ser um “Porto Seguro”.

Contudo, a Associação tem passado por constantes mudanças, devido a grande mobilidade de seus associados e dirigentes, embora nunca perdendo o foco de ser uma associação responsável pela integração destes estudantes a variados níveis.

Entretanto, apesar dos esforços através da criação de novas parcerias (por exemplo, com SDDH/AAC - Secção de Defesa dos Direitos Humanos da Associação Académica de Coimbra, Projeto Saudar-Graal Coimbra, Associação Mais Brasil no Porto, entre outras) e após algumas conversações e reuniões com a Reitoria da UC, Faculdade de Direito da UC e Embaixada do Brasil, uma das grandes batalhas é ainda a falta de sede-física, que impossibilita a dignificação de um melhor apoio aos estudantes brasileiros. Estima-se que 10 por cento dos alunos da UC, sejam oriundos do Brasil, por isso, a falta de sede, bem como outras questões como a burocratização e o tempo irrazoável do deferimento dos vistos de estudos, entre outros, trás todos os anos imensas dificuldades de se proporcionar uma efetiva integração destes estudantes.

Apesar de muitas barreiras, tem-se conseguido com a atual Direção realizar atividades como conferências e sessões de esclarecimentos ao longo do ano, sempre tendo como tema as necessidades vivenciadas pelos estudantes brasileiros; ativi-

dades desportivas (Futebol, Voleibol), a primeira, realizada todos os sábados no Campo de Santa Cruz, recebendo a presença de estudantes não só brasileiros, mas também de outras nacionalidades, promovendo na prática uma efetiva integração.

Temos que destacar com muita ênfase a atividade intercultural mais conhecida da APEB, que se realiza no Centro Cultural Dom Dinis todas as sextas feiras, com a Banda Furrócatu/Sambajah, formada entre associados da APEB.

Por tudo isto, a Cidade de Coimbra e a UC ganham com o trabalho que, apesar de todas as barreiras, a APEB ao longo destes anos vem desenvolvendo. Lembrando que para toda e qualquer informação sobre estas e outras atividades, a APEB recomenda a navegação pelo sítio <http://apebcoimbra.webs.com/>, bem como o envio de dúvidas, pedidos, sugestões e ideias para o apebcoimbra@gmail.com, estando também no Facebook.

O lema ao chegar neste porto que é a APEB, é muito simples: embarque connosco nesta viagem de integração intercultural, respeitando as diferenças e usufruindo o que Portugal, e especialmente Coimbra através da UC, têm de melhor.

* Presidente da APEB-Coimbra,
Jurista e Mestranda pela
Faculdade de Direito da
Universidade de Coimbra



CENTRO DO MAR
E AMBIENTE DA
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

JOÃO CARLOS MARQUES*

PRESENTE E FUTURO

IMAR

O IMAR-CMA (Centro do Mar e Ambiente da Universidade de Coimbra) constitui uma Unidade de I&D (investigação e desenvolvimento) multipolar – cuja formação recua a 1991 – com núcleos estabelecidos na Universidade de Coimbra, sua sede, na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Évora, congregando ainda investigadores do Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Ciências e Tecnologias do Mar do Instituto Politécnico de Leiria, Universidade Aberta (Lisboa) e Universidade do Algarve.

O objetivo central do IMAR-CMA é o desenvolvimento de investigação fundamental e aplicada no domínio das Ciências do Mar e do Ambiente, tendo como alvo primordial, mas não exclusivo, a abordagem integrada dos ecossistemas costeiros e bacias hidrográficas.

Procura-se, a um tempo, atingir padrões de excelência internacionais e proporcionar respostas científicas e técnicas a solicitações de entidades públicas e privadas nas áreas de a) avaliação e gestão de qualidade ambiental, b) uso otimizado dos recursos aquáticos e c) desenvolvimento de estratégias de conservação e proteção de recursos biológicos.

Neste contexto, os seus grupos de investigação têm vindo a debruçar-se sobre a compreensão dos processos subjacentes às características e condição ecológica de estuários, lagoas

costeiras, rios e sistemas agroflorestais associados a estes ecossistemas. Têm também sido investigados os processos hidrológicos a nível de bacias hidrográficas, assim como os riscos associados à erosão costeira, nomeadamente na sua relação com as alterações climáticas. Em ambos os casos associa-se a monitorização de longo prazo à modelação na construção de cenários de desenvolvimento.

Em colaboração estreita com investigadores da área da economia, tem vindo a ser desenvolvida, nomeadamente nos últimos cinco anos, investigação na área dos serviços dos ecossistemas, integrando as perspetivas ecológica e económica na gestão destes.

O IMAR-CMA tem sabido promover e manter um favorável contexto de investigação, no qual produção de conhecimento e formação académica – Mestrado, Doutoramento e Pós-Doutoramento – se desenvolvem paralelamente a uma atividade regular de transferência de resultados para a sociedade. É exemplo desta o papel determinante desempenhado por grupos de investigação do IMAR-CMA no quadro da implementação da Diretiva Quadro da Água a nível nacional e o seu já evidente envolvimento na implementação da Diretiva Estratégia Marinha Europeia.

Tal tem permitido a internacionalização das atividades no contexto

européu, refletida na participação em muitos projetos de investigação financiados pela União Europeia, e a colaboração regular, de caráter académico, com instituições do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos da América e Canadá.

Sobretudo nos últimos cinco anos, é de salientar ainda o incremento da colaboração com países da América Latina, nomeadamente com o Brasil, envolvendo a formação a nível doutoral de estudantes brasileiros no IMAR-CMA e a realização regular de cursos intensivos, na área da avaliação e gestão de qualidade ambiental oferecidos, com colaboração de investigadores do IMAR, em universidades brasileiras (por exemplo, São Paulo, Minas Gerais e Paraíba), assim como no México e Costa Rica.

Finalmente, nos últimos três anos, o IMAR-CMA acarinhou a formação de um grupo de investigação em Biologia Polar, em colaboração estreita com o British Antarctic Survey, o qual é já talvez o mais ativo a nível nacional, tendo merecido diversas distinções a nível internacional.

Por tudo isto, o IMAR-CMA tem confiança no seu futuro como Unidade de I&D, apesar do contexto sombrio e de grande incerteza que Portugal presentemente atravessa.

* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra/ Coordenador Científico do IMAR

A ECONOMIA SOLIDÁRIA, OS INVESTIGADORES SOCIAIS E A CRISE

PEDRO HESPANHA* E LUCIANE LUCAS DOS SANTOS**

Economia Solidária é uma designação recente e ainda pouco usada em Portugal. Numa aceção muito genérica, ela engloba uma diversidade de atividades económicas, formas de produzir, trocar e consumir, baseadas em relações de cooperação e em princípios de gestão democrática, distinguindo-se assim da economia de mercado que predomina largamente nas sociedades contemporâneas, baseada em relações de competição e em princípios de valorização do capital.

Muitas dessas formas têm raízes fortes no passado, como é, a título de exemplo, o caso do trabalho comunitário ou da entreeajuda camponesa, das iniciativas populares solidárias, do mutualismo rural ou operário, das cooperativas nas suas diferentes modalidades ou da produção autogestionária. Outras são mais recentes e surgem, mais ou menos espontaneamente, de situações críticas para a existência das camadas mais vulneráveis da população em que é necessário encontrar as respostas que o mercado não dá juntando esforços e trabalhando em conjunto como no caso dos clubes de troca, das moedas sociais ou do comércio justo, entre uma infinidade de empreendimentos possíveis. Outras, enfim, são soluções alternativas à economia capitalista pensadas e inventadas no seio de organizações e movimentos sociais contra-hegemonicos, inspiradas num

pensamento crítico do modelo económico dominante e na avaliação positiva das inúmeras iniciativas que visam democratizar a economia e desenvolver alternativas socioeconómicas mais justas, mais democráticas e mais sustentáveis, através do trabalho cooperativo e solidário.

A solidariedade que dá corpo a estas iniciativas é uma solidariedade entre iguais, entre pessoas e grupos que partilham os mesmos problemas e aspirações e não se confunde, portanto, com a solidariedade, de base religiosa ou laica, fundada nos valores da caridade, do altruísmo ou da filantropia. A ética empresarial, a responsabilidade social das empresas, o empreendedorismo social e o voluntariado social são as expressões mais comuns deste outro tipo de solidariedade, assimétrica e paternalista. Coexistindo muitas vezes e tendo ambas um papel relevante a desempenhar, a sua génese, filosofia e trajetória são bem distintas e em certa medida concorrentes.

Existe também uma diferença, neste caso menos clara, entre a Economia Solidária e aquilo que se tem designado de Economia Social, ou seja organizações destinadas a prestar serviços aos seus membros ou à comunidade, com autonomia de gestão e controlo democrático, em que o lucro é um objetivo secundário. Tendo uma origem comum, a Economia Social – que surge da luta da classe

trabalhadora, no século XIX – foi-se institucionalizando, ou seja assumindo um papel reconhecido e apoiado pelo Estado, à medida que este foi assumindo crescentes funções providenciais. Da Economia Social fazem parte, hoje, as cooperativas, as mutualidades e as associações, embora parte da dimensão política destas iniciativas se tenha perdido. As iniciativas mais espontâneas, inovadoras e democráticas, mais difíceis de enquadrar institucionalmente, foram ficando de fora e a Economia Solidária tornou-se assim a designação comum destas formas emergentes ou das formas tradicionais não enquadráveis.

Não sendo um fenómeno recente, a Economia Solidária é hoje uma realidade fulgurante em todo o mundo vivida por milhões de pessoas e tornada objeto de estudo nos currículos académicos e matéria de extensão universitária. O seu crescimento exponencial em muitos países mostra a inventividade da sociedade civil para promover mecanismos de justiça económica quando os instrumentos políticos e económicos formais não o fazem. Embora com características muito próprias nos países em que se estabelecem, os empreendimentos solidários têm pontos comuns que os distinguem de outras iniciativas e lhes conferem uma importante dimensão política: a autogestão, a criação de rendimento e trabalho, a



42
RL #34
AO LARGO



44

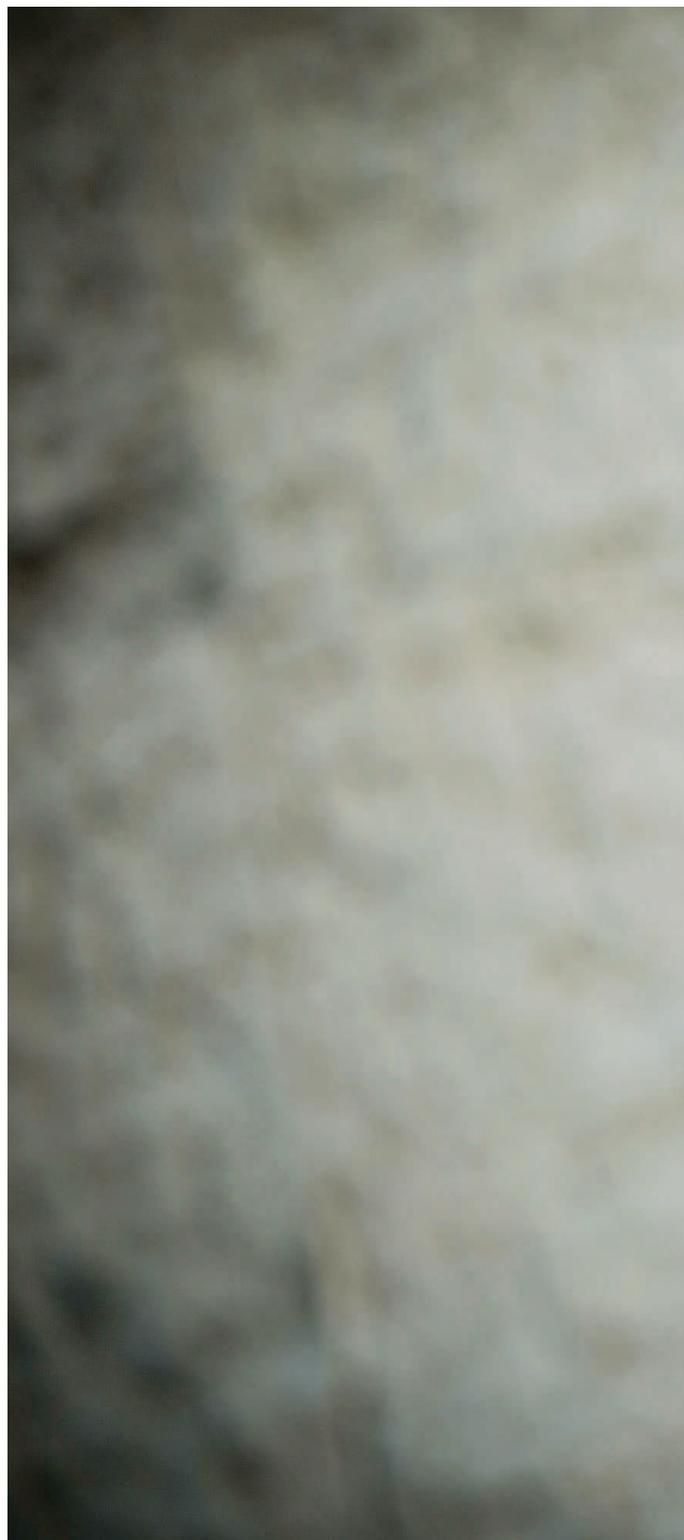
RL #34 | AO LARGO

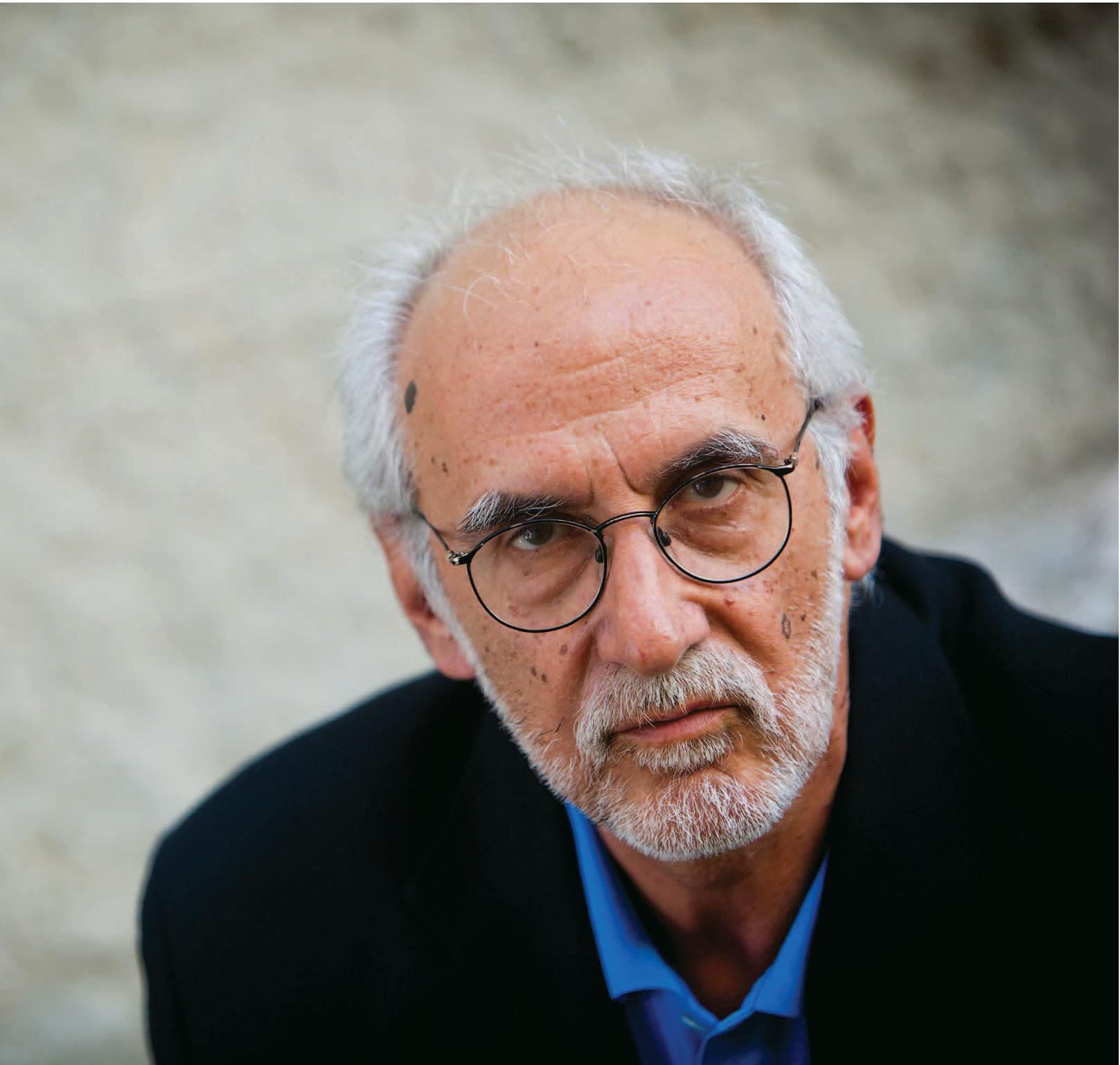
ENTREVISTA

Músico, compositor, intérprete e ensaísta, António Pinho Vargas venceu a 9.ª edição do Prémio Universidade de Coimbra (UC), por ter, nas palavras do reitor João Gabriel Silva, “o perfil de alguém que o merece”. Além de uma profícua e reconhecida carreira ligada à música, com experiências diversificadas desde o jazz à música erudita contemporânea, tem-se dedicado ainda à investigação, sendo professor na Escola Superior de Música de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da UC.

Nesse contexto, publicou recentemente o livro *“Música e Poder: Para uma Sociologia da Ausência da Música no Contexto Europeu”*, em que se resume a sua dissertação de doutoramento. Licenciado em História e diplomado em composição, compôs óperas, música para teatro e filmes, gravou álbuns e publicou livros. Criador de melodias e de reflexões sobre elas, António Pinho

Vargas não se perde em saudosismos ou lamentos nacionais: antes rema contra eles, de humildade na partitura dos dias e debate social na voz da investigação.





ANTÓNIO PINHO VARGAS

PRÉMIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA

“ESTE É UM PRÉMIO PARA TUDO. PARA UMA VIDA”

Na nota que colocou no seu perfil do Facebook, após a divulgação da atribuição do Prémio UC, escreveu tratar-se de uma distinção que muito o honra e comove, por “todas as razões afetivas, racionais e irracionais, por cima das quais paira a forte ligação à Universidade de Coimbra”. Que ligação é esta?

Não é uma ligação muito antiga, mas é forte na mesma. Não se baseia na antiguidade; baseia-se, em primeiro lugar, na minha relação com o CES e com o seu diretor, que foi o meu orientador, o professor Boaventura de Sousa Santos, com quem tive o enorme prazer de trabalhar muitos anos na minha tese de doutoramento.

O CES é um centro muito grande, muito prestigiado, com muita gente, onde fui muito bem acolhido, desde o início. Depois, a partir de um certo momento, percebi que a ligação ao CES também tinha um aspeto psicológico importante: o mundo musical é um mundo pequeno, cheio de tensões internas – todos os campos culturais e científicos têm tensões internas, como [Pierre] Bourdieu nos ensinou. São lugares de combates, disputas, etc. Mas

para todos os efeitos, eu, sendo uma espécie de *outsider*, no CES, senti pouco isso. As sessões de trabalho com o professor Boaventura eram inesquecíveis, porque era a inteligência viva à minha frente, e em movimento, em ação. Eu saía de lá com os meus neurónios aos saltos. Às vezes parava naquele café da Praça da República, para escrever umas coisas, para além de gravar as conversas. Em segundo lugar, e apesar de estar pronta já em 2009, entreguei a minha tese quase no fim de 2010. Pelo meio, eu, que tinha decidido regressar com meio horário à Escola Superior de Música de Lisboa, onde sempre fui professor, fui convidado pela Faculdade de Letras da UC e dei aulas durante um ano, ao curso de Estudos Artísticos. Dei aulas a 40 pessoas num semestre e, depois, a mais seis ou sete, num Mestrado, no segundo semestre. Aquilo cansava-me muito, porque eram quatro horas de aulas entre duas viagens, e uma pessoa com a minha idade também tem de começar a pensar de que forma pode ser útil daqui até à reforma, como professor, não é? Dei as minhas aulas de forma intensa, como me é próprio, e cerca de 20 alunos comoveram-me imenso no dia da defesa da tese, porque decidiram faltar às aulas, combinar entre si, vestir os seus fatos de estudante e assistir a esse momento. No fim, estenderam-me as capas e, parecendo que não, não estou habituado a isso com os meus antigos alunos. Não estou habituado a ser tratado desta maneira. Aí sim, fiquei muito comovido com uma atitude vinda de pessoas que foram minhas alunas durante seis meses e que me mandaram e-mails a agradecer as aulas, sendo que estas até eram, por vezes, não muito simpáticas para eles. O facto é que marcou-os, de alguma forma. Alguns, ainda hoje, enviam-me mensagens a dizer que têm saudades das minhas aulas. É impressionante. A minha ligação à UC tem a ver com esses dois aspetos: por um lado, pelo professor Boaventura, pelo CES e por aquela forma simbólica de agradecimento dos meus alunos, a quem aproveito para mandar um abraço, por esta via.

Afirmou, ainda, que este Prémio reduzia a sua “pequena, ínfima possibilidade de, simplesmente, agradecer”. Ficou surpreendido quando soube que era o vencedor? Muito surpreendido. Não estava, absolutamente, nada à espera. Em 2008, quando estreou a minha ópera *Outro Fim*, e no mesmo ano em que foi editado o meu disco *Solo*, tinha feito uma aposta com o Miguel Lobo Antunes. Disse-lhe: “Nunca ganharei um prémio em Portugal. Nem em Portugal, nem lado nenhum. Aposto contigo.” E mandei-lhe, há uns dias, um e-mail a combinar um almoço, porque perdi a aposta (risos).

Mas 2011 parece ter sido o seu ano... Para além deste prémio, a Câmara da Amadora atribuiu-lhe o Prémio

José Afonso pelo disco *Solos II*.

Perdi a aposta, duplamente. E esse prémio tem um certo valor simbólico - um prémio que se chama José Afonso tem de ser uma coisa bonita. Fiquei muito contente com esse, também. Mas esse é um prémio para um disco, este é um prémio para tudo. Para uma vida.

Embora também já lhe tenha sido atribuída a comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1995), sente que, finalmente, dão valor à globalidade do seu trabalho?

Não posso deixar de sentir isso, neste momento. Depois de ter editado os dois discos – *Solo* e *Solo II* –, uma re-visitación da minha música dos anos 1970/80 até meados de 1990, pude ver, de 2008 em diante, que havia muita gente, muito mais do que aquilo que poderia imaginar, que gostou dos meus concertos. De facto, esgotaram as salas ou, quando não esgotava, estava sempre muitíssima gente. A reação foi sempre inesquecível, ouvi coisas inesquecíveis. E isso quer dizer que aquele meu trabalho de há 20 anos atrás tinha deixado marcas superiores àquilo que pensava. Digo isto na mesma altura em que tinha uma certa tristeza por nenhum dos meus discos dos anos 1980, gravados para a EMI, estarem no mercado. Os meus discos desaparecem. Tal como acontece, hoje em dia, com os livros. São coisas diferentes e com um público muito específico potencialmente interessado, por isso há aqui um problema. A lógica comercial, hoje, faz com que tudo seja mais rápido, o que faz com que as livrarias estejam cheias de sucessos que são rapidamente substituídos por outros, enquanto qualquer clássico é difícil de encontrar. Mesmo a minha tese de doutoramento, de 2011, de vez em quando procura-se e não está lá. Nos últimos 20 anos, o centro da minha atividade não tem sido aquele. Estive sete anos sem tocar, com concertos muito espaçados. Em 2002, foi o último antes desse hiato, e considero-o uma repetição do do Porto 2001, com a Maria João, o Rui Júnior e o José Nogueira. Nessa altura, decidi parar. Não tinha tempo, tinha muitas encomendas para fazer, dava aulas, queria compor e, por isso, não fazia sentido continuar a tocar. Não pensei é que o intervalo fosse de sete anos. A última parte da minha vida tem sido para compor a chamada música contemporânea. Ora, se já quando eu comecei o jazz era uma coisa minoritária, só tocada em certos sítios e que um certo sucesso que tive nessa altura, em 1985-87, me permitiu fazer concertos para além do âmbito restrito do jazz, a música contemporânea tem o mesmo problema. Uma tribo. Defendo – enfim, não **defendo** –, na minha tese, que o mundo musical está dividido em múltiplas tribos que se ignoram razoavelmente. Só a designação “música contemporânea” tem uma carga negativa - traduz a separação entre a música que se compõe hoje e a

música do passado (estou a falar da música dita clássica) que ocupa 90 por cento dos programas das instituições culturais – Mozart, Mahler, os suspeitos do costume. Então, nessa atividade, aumenta a sensação de isolamento, porque sobre essa área paira aquela suspensão de hermetica, incompreensível, absurda, por parte do público comum, que prefere ouvir música do século XVIII ou XIX, ou prefere ouvir música pop e rock. Um tipo fica ali entalado entre dois monstros – um global e o outro que se constitui como uma espécie de dispositivo de animação, que torna a vida do criador atual muito difícil. Faço parte de uma tribo, essa tribo é pequena e está subdividida em numerosas tribos que combatem ferozmente entre si. Costumo citar uma frase de Pedro Memelsdorff que, numa entrevista, em resposta à pergunta “como é que vê a música contemporânea?” afirmou que a via como uma espécie de arquipélago enlouquecido, no qual 600 correntes lutam pela primazia. É uma frase icónica e absolutamente certa. É o que sinto.

O seu livro *Música e Poder: Para uma Sociologia da Ausência da Música no Contexto Europeu* (2011), em que se resume a sua dissertação de doutoramento, é bastante polémico, no sentido em que critica a vida musical portuguesa, nomeadamente o universo da nova música erudita. Acha que “os portugueses” são os principais responsáveis pela produção da inexistência dos “portugueses” no contexto europeu?

Acho. Têm forte responsabilidade nisso, considerando que o tal dispositivo de poder dos países centrais, na relação importação-exportação é amplamente dominador. Portanto, as instituições culturais portuguesas, tal como as da maior parte dos países do mundo, fazem esse tipo de programação com o reportório que, atualmente, se diz, na área das Ciências Sociais e da *Musicologia Crítica*, o reportório canónico – *lato sensu*, de 1900 para trás (e não muito, indo até século XVIII). Para a minha tese, não andei a ver o número de vezes que as peças foram tocadas, porque isso seria um trabalho insano e, provavelmente, pouco útil. As coisas medem-se pelo seu valor simbólico e aí mede-se pela presença nas Histórias da música que são publicadas fora de Portugal, pela forma como os compositores portugueses se manifestam face a esse problema e, também, através dos discursos dos musicólogos que escrevem sobre música portuguesa, quer na sua parte lamentosa quando assumem essa posição, quer na parte em que lamentam o lugar subalterno da música portuguesa. Na verdade, o seu lugar está determinado pelos valores do cânone. Limitei-me a analisar todo um conjunto de discursos e dado objetivo das programações das instituições. Havia, aqui, várias dialéticas: a local-global e a centro-periferia. Quando comecei a fazer

a tese, a questão do centro e da periferia existia nas ciências sociais; não existia, como existe agora, no telejornal, por causa do ataque económico às periferias europeias. Começou, justamente, quando estava a acabar a tese. Portanto, de repente, algum vocabulário que parecia um pouco fora das preocupações comuns das pessoas, passou a ser discurso corrente em Portugal. Nesse sentido, há aqui uma coincidência curiosa. Mas, na verdade, quer esteja no discurso, quer não esteja, o problema existe. E no campo cultural, o problema existe com total evidência. Ao mesmo tempo, havia uma espécie de cegueira, criada pela ideia universalista que domina o campo musical e o campo cultural em geral, que é uma ideia partilhada pela maior parte dos agentes, nomeadamente compositores. Não estou só a falar dos responsáveis culturais; nós próprios, como professores, temos tendência a cometer esse tipo de erros, e por isso, há uma zona em que me incluo, numa perspetiva autorreflexiva, entre os produtores da ausência, face às minhas funções de professor. É evidente que, depois de ter feito a tese, ganhou uma evidência uma determinada questão que já, pelo contrário, combate a ausência e a subalternidade.

Recentemente, ilustrou essa tese da ausência portuguesa provocada por ela própria, com uma afirmação de Vasco Graça Moura em entrevista ao jornal Público: “Numa linha muito genérica, posso prever que seja necessário recorrer mais à produção nacional. Mas não me queria comprometer quanto a isso. Se as coisas se tornarem muito difíceis, essa pode ser a conclusão necessária.”

Essa ideia – a de “se houver dinheiro no orçamento, continuaremos a importar produções mais caras ‘lá fora’ - sempre se fez, como sempre se faz em menor ou maior proporção. Isso é uma visão provinciana – de um lado, é uma espécie de um extremo provincianismo filosófico que procura elevar Portugal à categoria, a que o professor Boaventura costuma chamar, “historiografia mítica” ou “psicanálise mítica” do destino português: Portugal como país dotado de um destino, como se os outros não tivessem o seu próprio destino. Do outro lado, há uma subserviência, que é muito mais difícil de detetar, porque está interiorizada. E essa parte foi não só analisada pelo professor Boaventura, mas em muitos livros do Eduardo Lourenço, nomeadamente aquele que eu sublinharia: *Nós e a Europa ou as duas razões*. Só o título ilustra essa ideia: nós e a Europa, como duas coisas separadas. O discurso de Vasco Graça Moura mostra um lado que parece bom senso – parece; nesta história da sociologia, o que parece, no fim, deixa de parecer. Passa a ser um sintoma de qualquer coisa. E, portanto, não me admira aquilo que ele disse e que parece elementar bom senso:

“Como vamos ter pouco dinheiro, vamos ter de recorrer mais à produção nacional”, como se este fosse o último recurso, mais barato, mais pobre, não tão cosmopolita. Limitei-me a aplicar àquilo que ele disse, o aparelho de análise que explica como os responsáveis portugueses encaram o papel da produção musical face ao todo, na sua visão do mundo.

Trabalhou, no passado, como assessor de instituições: na Fundação de Serralves, entre 1994 e 2000, e no Centro Cultural de Belém (CCB), entre 1996 e 1998. Isso fê-lo perceber melhor a engrenagem interna das coisas?

Foi marcante, pois permitiu olhar do lado de fora, do artista, mas sobretudo do lado de dentro, de como se pensa dentro das instituições. Percebi, de facto, que às vezes basta uma pessoa, num determinado lugar, para mudar a orientação de uma instituição. Fazê-la considerar coisas que não eram consideráveis, tornar plausíveis ideias que, antes, pareciam completamente loucas. Tudo isto ao mesmo tempo que há uma enorme angústia pela falta de financiamento, questão típica que envolve a cultura em Portugal. Esse caso das declarações de Vasco Graça Moura só tem relevância na medida em que é uma demonstração a *posteriori* daquilo que digo na tese: é que, na verdade, a maior parte dos programadores culturais rege-se por critérios universalistas e considera aquilo que, no âmbito dessa colaboração, me foi perguntado: “Quem é que você vai trazer cá?”. A pergunta não foi “o que é que vai fazer com o que há?”. Aliás, eu não trouxe cá ninguém, mas a pergunta em si ilustra aquilo que estou a dizer. A análise do discurso é rica, porque vê no dito aquilo que não foi dito. É o dispositivo que melhor nos permite penetrar os valores interiorizados e por isso semi-invisíveis.

É notório, então, que “as instituições culturais portuguesas se preocupam mais em fazer boa figura perante o europeu do centro do que com a ideia de que este é um veículo da nossa cultura”...

“Lá fora” fazem boa figura, porque pagam caro. “Lá fora” ninguém sabe o que se passa em Portugal. Mesmo relativamente à economia, existe agora, porque está quase a ir abaixo. Só se fala nessa circunstância. Mas mesmo quando uma peça de um compositor de um país central é tocada em Portugal, isso só é notícia se vier um crítico francês, alemão ou inglês, cá, que depois escreve no *Le Monde de la Musique*. Não é preciso a [Angela] Merkel e o [Nicholas] Sarkozy para fazer com que o eixo franco-alemão funcione, há décadas, como eixo central no qual assenta a vida cultural europeia, especialmente no campo musical e no campo da música contemporânea. O sucesso “lá fora”, imaginado pelo programador

cultural, não existe. Não há sucesso nenhum. Posso recorrer ao conceito da não-inscrição, do José Gil: “Em Portugal, nada se inscreve”. Posso estar errado nalguns setores, mas se nada se inscreve aqui, como é que se há de inscrever noutra sítio qualquer? E a ideia de sucesso “lá fora” é uma ficção. Chego à Universidade de Durham, entro nos motores de busca dessa universidade, escrevo “Portugal” ou “*Portuguese music*” e aparecem-me dois ou três artigos, alguns sobre fado, alguns sobre a ligação do fascismo ao fado, alguns sobre música antiga portuguesa, porque uma inglesa gravou não sei o quê... Parcialmente para minha surpresa, aquilo mostrou que a coisa ainda era pior do que pensava. Em Portugal, temos ideia de que o Fernando Lopes-Graça é um compositor importante da história da música portuguesa do século XX. Julga que em Inglaterra alguém conhece o Lopes-Graça? Alguém ouviu, alguma vez, alguma peça do Lopes-Graça? É que nem sabem da existência dele. Um musicólogo inglês a quem expliquei o que estava a fazer, na tese, ficou estupefacto com a existência de Lopes-Graça. A reação foi: “Quem havia de dizer que Portugal tem um Béla Bartók!”. Para eles, Portugal não tem nada. Outros países periféricos têm problemas, mas julgo que Portugal é o país periférico da Europa que tem mais problemas, que foi mais aceite como natural que não existe. Por isso é que nas duas Histórias da Música principais que nós adotamos aqui, o único português que aparece é o rei D. João V, que não é compositor, como se sabe. Vem lá porque, num dado momento, contratou [Domenico] Scarlatti, compositor canónico do século XVIII, para vir dar aulas à sua filha. É num percurso biográfico de um compositor canónico importante que aparece Portugal na História da Música. Porque num dado momento, ele passou por Lisboa. Caso contrário, Lisboa não passava pela *História da Música Ocidental*, de Richard Taruskin ou de Donald Grout. Esta realidade é dura de enfrentar: se consultarmos esses livros, passa-se a assumir que Portugal não existe.

Durante 30 anos, teve colada na parede da sua cozinha, a frase de Almada Negreiros: “Coragem, portugueses, só vos faltam as qualidades.” Que verdade vê nela?

(risos) Ainda hoje me faz rir. E é uma frase que expressa uma boa parte daquilo que está na tal zona interiorizada na maneira negativa como nós nos olhamos a nós próprios. Para além de ser extraordinariamente cómica, faz um apelo à coragem, mas como quem diz: “Vocês, aí, os portugueses!”... Ele devia dizer “nós”, também é português. Aliás, esse é um artifício que os portugueses usam, falam dos portugueses como se cada um deles fosse outra coisa. Arranja uma espécie de absolvição de si próprios, dizendo que isto é um “país horrível”. Este dis-

curso tem de ser substituído. Cada um de nós tem de assumir responsabilidades. Essa frase, que recortei de um Jornal de Letras, serve para me lembrar de uma espécie de lema para não me esquecer da maneira como os portugueses se veem a si próprios. Portugal é uma sociedade como as outras. Têm coisas boas e coisas más. Tem muitas pessoas admiráveis e muitas pessoas não admiráveis. Agora, tudo isto de que temos estado a falar é vivido por nós com uma dor particular que também tem a ver com a nossa história e com a forma como é contada a nossa história.

O país vive uma óbvia profunda crise económica e financeira, o que tem provocado alterações profundas no quotidiano dos portugueses. Como é que encara os cortes profundos que estão a afetar os campos científico e cultural e a perda de peso de um setor tão importante como o da cultura, efetivado no desaparecimento do ministério que a tutelava?

Isso representa várias coisas negativas. Trabalhei no CCB, na altura em que o Ministro da Cultura era o Manuel Maria Carrilho. De ano para ano, havia um corte no financiamento. Não ter nunca atingido o famoso um por cento do orçamento de estado, revela muito sobre a atividade cultural, em geral... Em Portugal, quando se fala de cultura, fala-se de dinheiro. Há aqui uma ligação intrínseca. Portugal - por exemplo, no campo da música - vivia com uma única instituição forte no ativo, que era a Fundação Gulbenkian. Isso dava-lhe um estatuto hegemónico, naturalmente. A partir dos anos 1990, a coisa mudou bastante, porque foi criada uma série de instituições culturais: CCB, Culturgest, Casa da Música, etc. Estas infraestruturas tiveram uma grande importância nesta área, porque passaram a permitir a existência de lugares para muitos artistas apresentarem o seu trabalho. Tiveram, no campo musical em particular, uma importância especial porque retiraram à Gulbenkian a sua posição hegemónica. Com parceiros no terreno, aumentou a diversidade, que é sempre desejada. Este governo sendo um governo ultra ou neo-liberal ou o que se queira, associado a uma visão económica do mundo que é comandada pelo capital especulativo financeiro, não tem nas suas prioridades a atividade cultural. E quando tem, é porque dá dinheiro. A posição deles é muito simples: o estado deve retirar o máximo das coisas. Ao retirar, deve deixar o mercado fazer as suas escolhas. Ora, o mercado regula-se pelo lucro dos produtos. E por isso, a existência única de um mercado comum, regulador da atividade cultural seria pavorosa para a atividade cultural no mundo inteiro. Há uma coisa chamada indústria cultural que tem como centro, neste momento, e ainda, os EUA, e que produz uma série de coisas: filmes, séries,

jogos de computador e música pop, rock anglo-americana, que tem uma denominação global. Esta denominação quando é negociada politicamente, como foi no caso das negociações GATT (*General Agreement on Tariffs and Trade*), resulta mal: os americanos acusaram os alemães e os franceses, que estavam a defender o direito à sua especificidade cultural, de serem provincianos, pessoas fechadas. O argumento cosmopolita veio a favor daquilo que é uma denominação imperial de uma certa visão do mundo. Eles querem manter a possibilidade de exportar para o mundo todo, que têm, e ao mesmo tempo impor barreiras à importação. Quando os outros querem fazer o mesmo, chamam-lhes provincianos, que é o maior ataque que se pode fazer a um responsável cultural português. Por isso, ele compra, compra e compra, em enorme autocontentamento.

É um autocontentamento falacioso?

Sim, como estamos a ver. Compra aquilo que lhe é dado a comprar. Não escolhe, sequer. A principal função do responsável cultural é estar a par das revistas das várias áreas culturais e saber o que é que deve trazer cá. E, pelo contrário, ele devia estar atento era ao que se passa cá dentro e imaginar que a sua ação iria passar a ser dirigida no sentido da troca cultural e não na compra sistemática. Isto é fácil de dizer, mas muito difícil de realizar. As instituições portuguesas são totalmente inaptas em relação a essa troca cultural, não conseguem negociar: compram, mas não vendem nada de jeito. Nunca. Este diálogo não existe. Uma pessoa que dirige uma instituição cultural em Portugal não tem nas suas funções a exportação. As medidas que se tomam nesta direção são sempre ineficazes, não chegam a passar da linha do governo, não se traduzem em nenhuma ação e quando se tenta fazer isso, ela é apropriada por um pequeno grupo que a usa em seu favor. Vejo com muita dificuldade o papel do ministro da cultura como “grande educador da classe operária” (risos). Neste momento, já nem existe a classe operária, há um neo-proletariado, dizem, que é constituído pela maior parte das populações do mundo, tirando os super-ricos que controlam o capital global especulativo. A nova geração de políticos, de neo-liberais, por mais evidente que seja que o que faz dá mau resultado, não ouve. O neo-liberal é tão surdo como o antigo comunista – antigo ou novo. Só quando levar com uma grande chapada da realidade em cima, é que eventualmente vai mudar. Aquilo nem sequer é uma teoria económica sustentável, é uma crença próxima do religioso. Para essa geração de políticos, a cultura ou é um elemento decorativo de determinada cerimónia ou qualquer coisa da qual eles não têm conhecimento. São profundamente incultos, na maior parte dos casos. Não lhes interessa, são homens de negócios. Que-

rem dinheiro e a cultura é um incómodo. Sobretudo, a cultura das artes minoritárias. Que crime gastar dinheiro com a cultura! Nós, os artistas, somos um conjunto de criminosos aos olhos desta posição política e económica. Nada a fazer. A realidade das medidas é, na realidade, enfraquecer progressivamente a atividade cultural. E naquelas que mantêm os seus orçamentos com alguma solidez, como é o caso do CCB, mesmo assim, quando há problema, aparece o português como salvador da programação. Ter uma grande temporada internacional é o leitmotiv de todo o programador. Há uma quase exclusividade, uma proporção de 90 para 10 por cento. Isto não pode ser. Dificulta a vida dos artistas locais, impede-os de crescer - porque só se cresce no palco. É cortar as pernas dos artistas, antes de eles terem começado a atingir um determinado plano. Vejo isto como uma catástrofe.

Qual seria, então, a solução?

Caberia às esquerdas, que têm outra perspetiva do papel do estado como garante de diversidade cultural, repensar as suas práticas. Não tomar como garantido que tudo o que fizeram no passado está bem feito, principalmente, acompanhar os subsídios que são atribuídos... Tem de ser encontrado um equilíbrio no perigoso aparecimento do estado como polícia que vai interferir na programação cultural de determinadas instituições, porque ninguém tem o exclusivo ou a ideia única sobre aquilo que deve ser apresentado. Tem de haver diversidade, sobretudo. Os diretores de algumas instituições não se deveriam perpetuar nos cargos. Quando uma pessoa está muitos anos numa determinada função, tem uma série de convicções e é da natureza das coisas que se mantenha firme nessas mesmas. A solução é haver circulação de pessoas na direção das instituições. Devia haver pequenas coisas asseguradas, independentemente de quem exercesse o cargo. Isso, sendo uma espécie de consenso interpartidário, é algo impossível em Portugal. Por isso, basta que um presidente da câmara não aprecie algo, para aquilo desaparecer daquela cidade. Se ele gosta, é aquilo que se faz. Não devia haver tanta dependência e tanta assunção de poder por parte das pessoas que num dado momento estão nos cargos. Deviam encarar como um serviço a prestar a uma comunidade e não como um meio de poder de decisão. É um erro crasso.

Por falar em erros, o seu nome apareceu, por lapso, numa polémica petição da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) - por quem é, aliás, representado - que reivindica uma “rápida revisão” da Lei da Cópia Privada “que contemple remunerações sobre os suportes, aparelhos e dispositivos de armazenamento digitais”.

Fui envolvido nisso, estupidamente. Escrevi logo uma

carta a dizer que julgava ser um erro terem usado uma coisa de janeiro, assinada há um ano, sobre o direito de autor (que é um princípio que defendo), mas de forma descontextualizada, como se fosse subscritor de algo bem diferente. É evidente que metade dos nomes que lá figuram, nem sequer sabem que lá estão, porque se o critério foi esse, usar os mesmos nomes para um projeto-lei que a maior parte das pessoas desconhece – como é o meu caso –, foi incorreto por parte da SPA. No meu caso, reconheceram o erro e retiraram o meu nome. Quando vi, achei um disparate. No entanto, do outro lado, está também gente muito atenta, que provavelmente representa interesses razoavelmente obscuros. Comecei a perceber que o lobby poderoso que está a atacar a SPA e o projeto-lei do PS se movimenta com enorme capacidade. Numa manhã, recebi telefonemas de inúmeros órgãos de comunicação social. Não é normal que este erro tenha desencadeado tamanha curiosidade... Há aqui um combate subterrâneo à SPA. Não quero tomar posição em relação ao projeto-lei, porque não o conheço. Aqui, quer a SPA, quer a outra entidade obscura têm interesses que desconheço. Seguramente, são interesses económicos. Basta ver o exemplo da Megaupload que, sob a sua prática aparentemente libertária dos conteúdos, estava a meter dinheiro ao bolso. Quando há uma reação com esta violência, é de estranhar. Disponibilizei a informação relativa ao Prémio da UC e ninguém me telefonou (risos); qualquer coisa que mexa com a possibilidade de ataque à SPA, já move mundos e fundos. Aí, percebi: *something's going on*. E, por isso, meus amigos, comigo não contam. Tenho muitas críticas a fazer à SPA, de outra ordem, e nalguns casos fi-lo publicamente. É uma sociedade de autores cheia de problemas, como todas as outras no mundo.

Afirmou, certa vez, que “os músicos não têm profissão, têm uma vida.” Que vida é esta, a do músico António Pinho Vargas?

Diria que nem todos serão assim, para começar. Alguns encaram como uma profissão. Quando digo isso, quero dizer que ocupa todo o espaço principal do ser no mundo. Em termos prosaicos, para mim não há sábados, nem domingos, nem feriados, nem nada. A minha vida é a música: é compor, estudar piano, e é assim há muitos anos. À ideia de profissão está associada uma espécie de trabalho chato, para usar o velho conceito marxista de alienação: uma pessoa trabalha para receber o seu salário e poder viver, mas não se revê no seu trabalho de uma forma criativa, como qualquer coisa na qual se sente bem a 100 por cento. Na música, uma atitude destas não tem sentido. Por isso, é que digo isso: é uma vida, é tudo.

52

RL #34 | AO LARGO

RETRATO DE CORPO INTEIRO

RICARDO NAMORA

ENTRE O HUMILDE E O

GRANDE

MARTA POIARES





*(como se sabe, um dia as paixões serão pedidas no banco, como empréstimos a termo certo e com juros elevadíssimos, o que irá de certeza dissuadir muito boa gente de se meter em trabalhos) **

O nome de Ricardo Namora pode, ainda, não se encontrar na História de letra maiúscula, mas a estória dele inscreve-se todos os dias num futuro para contar. Nos olhos de quem divide o coração entre futebol e literatura, lê-se o entusiasmo ingênuo de quem experimenta um pouco de tudo e se dedica, por inteiro, ao que faz.

Nasceu em Coimbra e por aqui se manteve, desde sempre. A literatura desde cedo o acompanhou, num âmbito familiar. Na primeira

memória, está uma biografia de Louis Pasteur, mas é a coleção de policiais de bolso da editora *Olho de Lince*, descansada na estante de casa da bisavó, que ocupa a melhor recordação: “Adorava aquilo. Devo tê-la lido integralmente”. Com a ânsia de ler, veio a vontade de escrever: “Parece um pouco lugar-comum e um pouco auto-promoção dizer que sempre tive aquela urgência em escrever, mas é verdade. Sempre escrevi”. Para Ricardo, era apenas substância da sua auto-educação, um modo natural de expressão própria.

Natural era também o futuro. Nunca perdeu tempo a pensar nele, limitou-se a ir escrevendo cada parágrafo, como quem conta (mais)

uma estória. Apesar de nunca ter sido obrigado a seguir nenhum caminho específico – “os meus pais, muito sabiamente, sempre deixaram caminho aberto às minhas escolhas, de forma livre e despreocupada” -, aos 13 anos, conta, ficou com o destino praticamente traçado: “Os testes psicotécnicos que fiz, na altura, desaguaram nas Humanidades, de uma forma tão inegável, que era impossível fugir”. Apesar de não ter figurado nos caminhos que a psicologia escreveu, o futebol ocupava, também, o lado esquerdo de Ricardo. Afinal, toda a sua família se movia nesse campo: “Habituei-me, de miúdo, a ir ao futebol. O meu pai foi jogador, os meus tios foram jogadores e treina-



dores (da Académica e de outros sítios), de modo que era muito difícil passar ao lado”.

Médio no campo de futebol, prima pela excelência no campo da vida. Talvez por isso mesmo, não tenha apressado ambições ou dado passos em falso, em momentos cruciais de decisão. Em 1992, entrou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (UC), e em 1993, começou a ser jogador profissional de futebol, integrando a equipa de seniores da Académica. Nenhum destes caminhos se revelou certo e, num misto de prudência e astúcia, Ricardo Namora decidiu mudar de vida: “Primeiro, decidi que a vida de futebolista profissional não era uma vida que queria. Na altura,

era uma vida vazia, pouco activa socialmente. E, depois, também não dei o salto de qualidade que me permitisse arriscar naquela profissão. O meu pai, aos 24 anos, teve uma lesão grave e nunca mais pode jogar. Tinha desistido de tudo resto, em favor daquela carreira, logo, teve de começar do zero. Não queria isso para mim. Decidi deixar o futebol profissional e continuei a jogar apenas em clubes semi-profissionais. Passei por vários: Mealhada, Mirandense, Sourense, Pampilhosa, etc. Treinava apenas ao fim da tarde, quatro vezes por semana, e ia às aulas”. A mudança estendeu-se mesmo à área académica e Ricardo decidiu mudar de curso: “Tinha uma ideia romantizada

do que é exercer advocacia. Gosto de argumentos e de justificações, mas os que são usados pelos profissionais do direito são, muitas vezes, vazios”. Mudou-se, de livros e aspirações, para o curso de Línguas e Literaturas Modernas (Inglês-Francês), da Faculdade de Letras da UC (FLUC). “No fundo, tinha sido aquilo que sempre tinha desejado. Na altura, não tomei essa decisão, mas tomei-a mais tarde e foi muito acertada. Ambas, aliás: deixar o futebol profissional e mudar de curso”.

Nos primeiros tempos, andou um pouco perdido, mas cedo percebeu, pelas notas mais elevadas, que Cultura e Literatura eram as suas áreas de interesse. O 3.º ano do curso viria

mesmo a mudar-lhe o rumo, quando se cruzou com a disciplina de Teoria de Literatura: “Foi amor à primeira vista. Tive um ano completamente realizado por ter descoberto uma coisa de que gostava realmente”. De coração à flor da pele, Ricardo não deixou a paixão a meio e prosseguiu nesse sentido: “Quando cheguei ao final do curso, desejei fazer mais alguma coisa naquela área específica. Foi-me aconselhado um programa que há na Universidade de Lisboa, de Teoria da Literatura, e acabei por ir, em 2001”. Insatisfeito crónico, e depois de obter o grau de mestre, em 2004, procurou continuar: “Aprendi tanto nesses três anos em que lá estive, que acabei por seguir para doutoramento no mesmo programa”. A meio do processo, em plena fase de trabalho solitário no momento de elaboração da tese final, e dado que, em rigor, nunca tinha saído de Coimbra – por ser o futebol a sua fonte de rendimento -, Ricardo decidiu tirar outro mestrado na FLUC, em 2008, desta feita em Literatura Portuguesa.

Com a idade da revolução de Abril, Ricardo Namora não se considera revolucionário. Apesar disso, e depois de terminada uma fase de estudos, publicou a sua tese de mestrado em Literatura Portuguesa, em forma de livro, sob o ambicioso nome de “40 anos de Teoria da Literatura em Portugal”, um título que, por si só, agita as águas da área. Apesar de nunca ter sido feito nada do género, o autor não o considera um livro histórico: “É mais um apanhado geral, foca mais argumentos do que História”. Proposta pelo Centro de Lite-



ratura Portuguesa (CLP), onde trabalha hoje em dia, como investigador, a publicação do livro, em Maio de 2011, deu a oportunidade a Ricardo de estar lado a lado de Vítor Aguiar e Silva, autor da “bíblia” da Teoria da Literatura, algo que não se perde nos confins da lembrança: “Quando conheces uma pessoa e ela tem tanto peso institucional, pedagógico e teórico como ele tem, ficas preso às suas palavras. Inspira-me muito. Tem uma sofreguidão de saber e, ao mesmo tempo, uma capacidade extraordinária de actualizar os seus próprios argumentos, sem perder coerência. Gostava de ter tido o privilégio de o ter conhecido mais cedo”.

Depois de um percurso de excelência, nos estudos, veio o inevitável vazio. Ricardo decidiu, então, apresentar um projecto pós-doutoramento na FLUC, orientado por Irene Ramalho e Osvaldo Silvestre, e que assenta no “diálogo/confronto de dois movimentos antagónicos da teoria da interpretação”, projecto que, tendo sido aceite pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, irá ocupar os próximos três anos.

Criador e intérprete de novos mundos, Ricardo Namora também traduz realidades de outrem. Depois de ter traduzido “Sherlock Holmes, histórias apócrifas” (O. Henry; Bret Harte; John Kendrick Bangs), no bolso, está uma tradução bilingue das cartas de Napoleão a Maria Luísa da Áustria: “Napoleão sempre me fascinou. Num mundo feito de regras, haver uma pessoa que parece que vem do nada e que muda a história por completo... É uma ambição tão desmedida, tão assombrosa, que é admirável”.

Desmedida é também a vontade de Ricardo, que se vai escrevendo, por inúmeras linhas, em diversas frentes. Em Outubro de 2011, lança o seu primeiro “romance-não-romance”, “Lexicon”, pela Lápis de Memórias. E memória parece ser mesmo a palavra certa para falar deste projecto que, pronto desde 2002, passou por processos de reescrita durante dois/três anos. “Narrativa puzzle para ler em voz alta”, assim descrito, “Lexicon” é o projecto

“egoísta” do autor: “Por norma, acabas por encontrar um espaço de negociação entre aquilo que queres fazer e aquilo que achas que deves fazer, com vista a um destinatário. Isso não acontecia comigo. Nunca tive a intenção de o publicar. Era um livro para o eu-leitor”.

No futuro da escrita, está agora um projecto que aliará o melhor dos seus dois mundos: “Uma colecção de história jornalística sobre a Académica, com uma imagética bem definida, que reflecta o período pós-25 de Abril. Foi um período que marcou, para sempre, a história da Académica e de Coimbra e do qual pouco se fala”.

Para já, continua como investigador do CLP e professor convidado pelo Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, da FLUC, para dar a disciplina de Introdução aos Estudos Culturais, aos alunos do primeiro ano. Estar do outro lado do espelho é importante para Ricardo Namora, que diz querer desempenhar a tarefa como os bons professores com quem pôde – e vai podendo - aprender o ofício.

Não só do outro lado do meio académico está Ricardo. Também no futebol, passou para fora do campo. Ainda que não seja novidade, desta feita, tem um sabor especial: desde o ano passado que é o treinador da secção de futebol da Associação Académica de Coimbra, clube formado exclusivamente por estudantes universitários. “Joguei futebol durante 23 anos e joguei a vários níveis, o que me permite ensinar. Não sou uma pessoa extraordinária, mas quero alertá-los para algumas coisas. Guiá-los”. No campo ou fora dele, Ricardo Namora não desiste de ir para além dos diários Cabos Bojadores: “Gosto de arriscar, trabalhar, aperfeiçoar todos os dias - como em tudo na minha vida”.

* In “Lexicon”, Ricardo Namora



C A M A R N E I R O
N U N O

60

RL #34 | AO LARGO
CRIAÇÃO LITERÁRIA

BEIJAR O MAR

Um pai atravessa o oceano e morre longe da gente. Um pai a menos.

“Arredem-me o mar que quero voltar para casa”. Foram as palavras que lhe ouviram, depois morreu.

Nunca chegámos a saber o que o fez partir. Uma carta deixada na mesinha de cabeceira, uma mãe em lágrimas e nós meninos pendurados da saia em perguntas de jantar.

Tínhamos poucos anos e aprendemos a calar. Minha mãe fez-se homem e trabalhou mais e deu-nos de comer e nunca mais cantou.

Não chegaram outras cartas, só aquela tão tardia. O pai que eu não tinha estava morto num lugar.

Escolhi um verão e fui atrás dele. Disseram-me onde jazia, terra chã de cruz em cima, aquilo um pai.

Era uma pequena cidade costeira, a casa abandonada junto à praia, miserável, sem tratos de mulher. Garrafas vazias, roupas esburacadas, um colchão imundo e os bichos a tomar conta.

Abri as gavetas e espreitei o armário, alguns documentos, cartas do banco, uma fotografia de família (de quando ainda sabíamos sorrir) e um maço de bilhetes. A letra desenhada em muitos redondos, excessiva, corações infantis a servir de assinatura. Encontros marcados, outros adiados, “hoje, no lugar que é nosso”, “beijinhos para o meu benzinho”, enjoo desses, coisas de menina ou puta de qualquer idade.

Saí dali e andei às voltas, imaginando-me trinta anos mais velho, tolo de palmeiras e de uma mulher vulgar. Que pai parvo deixaria a minha mãe por uma galdéria de corações?

Dirigi-me ao centro da cidade, bebi algumas cervejas e perguntei. O falecido português, que vida a dele? Foram-me dizendo pouco, que andava por ali, à pesca e aos copos, um resto de homem que nem se entendia.

Passei pelo hotel a buscar lençóis e fui para a praia deitar-

me na cama do velho, alguma coisa haveria de entender. O sono veio embrulhado de águas, um vaivém de ideias e corpo, a cama feita barco, ou naufrago, ou homem bêbedo. De manhã cedo a luz pelo telhado falido e o calor a empurrar-me para fora.

Molhei os pés e lavei a cara de sal, quieto num espanto de dia, à beira de qualquer coisa que me escapava. Pensei em peixes arrimados ao cimo de ondas, olhando a terra e pensando na vida.

Aproximou-se um homem sujo a rir com poucos dentes. “Menino, você é a cara do português!” E ria, e veio para mim.

Perguntei-lhe se o conhecia, se me podia ajudar a compreender, a mulher, quem era essa mulher?

E o homem riu muito mais, e deu passos de dança até cair na areia e eu sentar-me a seu lado.

“Seu pai era homem sem mulher, rapaz, era doido sozinho mesmo. Bilhete? Que bilhete? Isso era coisa da mão dele. Todo o dia o português vinha para a praia, assim que nem você, e se adentrava no mar como fosse coisa feminina. Depois, quando a água chegava na boca dele, ele fechava os olhos e beijava o mar, doido daquilo, parecia até sexual!”.

Fiz-lhe mais algumas perguntas, mas o homem não disse mais nada. Imitava os beijos do meu pai e ria e cantava até se levantar e desaparecer longe na areia.

Demorei-me ali a imaginar a loucura que haveria de herdar. Uma doença de águas e um amor tão desproporcionado. O meu pai era louco, mas talvez não fosse parvo. O mar tão perto, o vento quente, o contrário de nós. Não era coisa de ser normal, mas podia um homem perder-se daquilo.

Levei o resto das coisas para a casa da praia e fiquei à procura de uma história para contar. Algumas semanas, alguns meses, até me esquecer.

Afinal aquilo não era coisa de contar.

A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA E O BRASIL

Não foi um acaso que colocou Portugal e Brasil lá onde estão no mapa do mundo. Assim como “o Egito é um dom do Nilo” na conhecida síntese de Heródoto, também se poderia dizer que o Brasil, tal como aconteceu, é um dom dos alíseos que o colocaram a meio do caminho marítimo mais curto, com a tecnologia da época, entre a Europa e o Oriente. Portugal e Brasil aconteceram como tinham que acontecer, nos territórios que já lá estavam há milhões de anos à espera que alguém cumprisse o seu destino e fizesse deles o arco primeiro de uma ponte transatlântica de ligação entre a Europa e a América do Sul, construída sobre fundações geográficas tão profundas que os ventos da história nunca poderiam abalar.

Não que não tivessem tentado. Para apenas referir os mais recentes, quando Portugal finalmente terminou o seu ciclo colonial e se virou para a nova aventura da integração europeia, rápido como quem tem receio de perder a boa onda e virtuoso na arte meio esquizofrénica de oscilar entre extremos, jogou fora e fingiu esquecer o património da sua própria identidade, forjada em séculos de atrevida curiosidade pelo desconhecido, numa vontade muito própria de espreitar atrás de todos os bojadores, numa reconhecida apetência para se aproximar

dos povos diferentes, para “viver dos projetos vastos e dos horizontes distantes”. Estas características, que lhe permitiram ser o primeiro protagonista da primeira globalização, não lhe serviram de muito no momento de se arrumar na casa europeia, tornada demasiado pequena para quem está habituado aos grandes espaços. Faltou-lhe, para utilizar as sábias expressões de Sérgio Buarque, saber dar valor ao “esforço lento, pouco compensador e persistente” e “tirar o máximo proveito do insignificante”. Reconhecer que “a parte pode ser maior que o todo” não é, definitivamente, um dos seus maiores atributos. E diluiu-se no todo europeu, sem sequer ser capaz de o adocicar com a sua essência.

E foi preciso deixar passar o tempo para que Portugal percebesse que os dois destinos não são incompatíveis. Teve que viver a fase do bom aluno, teve que aceder aos fundos de coesão, de os utilizar umas vezes bem e outras nem tanto, teve que assumir duas presidências indiscutivelmente bem sucedidas, teve que mostrar ser capaz de fazer crescer o seu PIB real, entre 1995 e 2010, a um ritmo superior ao da Alemanha ou da França, teve que fazer eleger o *seu* Presidente da Comissão Europeia e o *seu* Vice-Presidente do Banco Central Europeu, teve que participar na criação do Euro e

acreditar que aguentaria conviver com uma moeda forte, teve que conhecer os primeiros desgostos e os primeiros dissabores no interior da família europeia para se dar conta que o seu peso relativo dentro da Europa dependia em larga medida do que já era antes de entrar. No ir e vir da onda e com o pessimismo de sempre, é nessa fase que se encontra neste momento.

A evolução recente do Brasil é igualmente impressionante. Quinto maior país do mundo em extensão, herança da colônia, fez dela a sexta maior economia do planeta depois de ter ultrapassado, em 2009, o Canadá e a Espanha, em 2010 a Itália e, em 2011, o Reino Unido. Quando, em 2003, o acrónimo BRIC foi inventado para designar um conjunto de Países emergentes (Brasil, Rússia, Índia e China), previa-se que a economia brasileira ultrapassasse a italiana por volta de 2025 e as economias britânica e francesa a partir de 2035. Todas estas previsões de crescimento se revelaram conservadoras. A França deverá ser alcançada em 2014 e a Alemanha antes do final da segunda década. Esta evolução reflete sobretudo o efeito conjugado de dois fatores: a avidez da economia chinesa por matérias-primas, de que o Brasil dispõe com abundância e a entrada de grandes segmentos da população brasileira pobre (os estudos

apontam para 47 milhões de brasileiros) na classe média baixa, por efeito das políticas sociais levadas a cabo sobretudo desde 2003, com o governo Lula.

O sucesso de uma política de equilíbrio, que permitiu favorecer largamente os interesses do capital financeiro nacional e internacional, por um lado, e por outro criar ou alargar uma série de programas direcionados aos segmentos mais pobres da população brasileira projetou o Brasil na cena política internacional. O fantasma de De Gaulle, quando afirmava que “o Brasil é um País de futuro, e sempre será!”, parece estar, definitivamente, exorcizado. O momento histórico foi bem aproveitado pelo sentido de oportunidade e pelo carisma pessoal do ex-Presidente Lula, através de conhecidas e mediatizadas intervenções nos encontros de líderes mundiais (“this is our man”, assim o bajulou o homem mais poderoso do mundo), mas parece radicar em razões menos conjunturais e ter resistido bem à transferência de poderes no Brasil. Provam-no, pelo fato em si mesmo e pelo conteúdo, o discurso de Abertura da 66.^a Assembleia Geral das Nações Unidas, pela primeira vez na história proferecido por uma mulher, a Presidente Dilma Rousseff, em setembro de 2011.

Mas o Brasil ainda não conseguiu

escapar da “armadilha da renda média”. Com efeito, apesar dos avanços proporcionados pelas políticas sociais ativas dos últimos governos, os resultados são bem mais decepcionantes se nos reportarmos a índices de padrão de vida individual (63.^o na lista de PIB *per capita*), de bem-estar económico e social (84.^o na lista do Índice de Desenvolvimento Humano), ou de distribuição da riqueza (139.^o na lista do Índice de Gini). O acesso recente dos brasileiros a um plano de relativo bem-estar interno e de consideração internacional sem precedentes na sua história só terá maior significado quando puder ser medido pelo lugar que o País ocupa no ranking dos índices de padrão de vida, em associação com uma distribuição da riqueza efetuada com menos iniquidade. O aumento de autoestima proporcionado pelo bom momento que o país atravessa, justa recompensa por tantos anos de laboriosa e mal remunerada expectativa deve, pois, ser consumido com moderação, para não se transformar em excesso de arrogância, que não fica bem ao país das favelas e só atrapalha no momento de dançar o samba. A exagerada confiança nas suas atuais possibilidades pode, igualmente, inibir a vontade política de avançar com as reformas necessárias em setores que constituem os maiores entraves

ao seu desenvolvimento, tais como as infraestruturas e a educação, e que não devem deixar de ser equacionadas.

No auge da sua afirmação no mundo e acreditando-se em trajetória monótona ascendente por muitos mais anos, o coração do Brasil e a conseqüente definição das suas estratégias de desenvolvimento balança, neste momento, com evidentes conseqüências em nível da orientação das políticas para o ensino superior, entre a assunção da sua posição internacional individual de potência emergente, privilegiando um modelo de internacionalização semelhante ao dos Estados Unidos, da China e do Japão ou a adoção de uma estratégia de equipa, favorecendo a criação de espaços integrados de conhecimento mais alargados, optando por ser na América Latina, por um lado e no mundo lusófono, por outro, o que a Alemanha é (ou deveria ser) na Europa: entre privilegiar a sua posição de membro dos BRICS ou de membro do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A evolução dos últimos meses parece evidenciar a preferência do Brasil pela primeira destas opções que, no entanto, pode ter que vir a ser reequacionada se a atual crise do sistema vier a por a nu as (apesar de tudo ainda

grandes) fragilidades da economia brasileira. De passagem, reconhecemos que o exemplo da integração europeia não entusiasma ninguém, neste momento.

Da resolução desta alternativa, entre julgar-se com dimensão e momento para tentar a fuga sozinho ou procurar apoios em outros parceiros para descolar do pelotão em fuga coletiva dependerá, em larga medida, o futuro de estruturas integradoras como o MERCOSUL, a CPLP ou a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL).

No que diz respeito à política universitária, esta indecisão entre duas vias de desenvolvimento manifesta-se, por um lado, com a criação da UNILA, a Universidade Federal da Integração Latino Americana, em janeiro de 2010, considerada como uma verdadeira Universidade do Mercosul e da UNILAB, a Universidade Federal de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em dezembro de 2010, e por outro, com as opções tomadas pelo Programa *Ciência sem Fronteiras*, em julho de 2011, oportunidade única e irrepetível para cimentar um Espaço Integrado do Conhecimento na América Latina ou no mundo lusófono, em que virtualmente nenhuma universidade destes dois

espaços é considerada parceira e a existência do MERCOSUL e da CPLP são, simplesmente, ignoradas.

Mas, quaisquer que sejam, no futuro, a forma e a composição das várias regiões económicas, a importância e a valorização de cada País dentro da região a que pertence dependerá sempre, em larga medida, da influência que consiga ter fora dela ou, dito de outra forma, dos laços que, por seu intermédio, seja possível estabelecer entre as várias regiões. Nesta perspectiva, cabe uma referência especial ao papel que países como os nossos, e as respetivas universidades, podem desempenhar como pilares de uma ponte transatlântica entre a América Latina e a Europa, na concretização de uma política integrada de aproximação ibero-americana, identificada como um dos objetivos centrais de várias Cimeiras ibero-americanas de Chefes de Estado e de Governo, que até já lhe deram um nome: Espaço Ibero-Americano do Conhecimento.

Temos, portanto, de um lado um país deprimido e do outro um país eufórico. Mas um olhar mais atento mostra uma realidade que não se compagina com uma diferença tão diametralmente oposta de

estados de alma. Com efeito, entre 1995 e 2008, intervalo escolhido para não incluir a década negra da superinflação no Brasil, o Produto Interno Bruto (PIB) nominal brasileiro e o português, expressos em dólares correntes, aumentaram aproximadamente o mesmo valor (116,4 por cento para o português e 114,9 por cento para o brasileiro). Mas retirando o efeito da inflação, portanto em termos de PIB real em moeda corrente americana, a situação é muito mais desequilibrada com vantagem para o lado português, com um aumento de 46,8 por cento contra uma diminuição de 26,5 por cento para o Brasil. No período 2008/2010, esta posição inverteu-se. Enquanto o PIB real do Brasil em dólares correntes subiu 11,4 por cento, o de Portugal diminuiu 10,7 por cento.

O percurso dos dois Países tem inúmeros episódios de oscilação desfasada de prosperidade e de humor, parecendo até que uma qualquer lei da História, ainda não postulada, proíbe os portugueses e os brasileiros de partilharem momentos de comum alegria ou de comum tristeza. E, embora a trajetória do Brasil seja agora menos frágil do que era em passados recentes e não se perspetivem facilidades para a economia portuguesa nos próximos anos, ainda é

cedo para garantir que estes ciclos terão chegado ao fim.

É necessário saber tirar partido de mais esta complementaridade. Do extenso leque de iniciativas que respondem a esta especificação e vão ao encontro desta linha de preocupações, poderei referir a necessidade de criar mecanismos de colaboração entre incubadoras universitárias de empresas dos dois Países. Algumas das empresas *spin-off* criadas nas incubadoras universitárias brasileiras podem ter interesse em expandir as suas atividades para Portugal, e logo para a Europa, e o inverso acontece, sem dúvida, com *spin-off's* universitárias portuguesas. O acordo entre Universidades dos dois países será mais uma boa forma de fazer funcionar a ponte.

Nos anos 1980, um número significativo de odontologistas brasileiros procurou instalar-se em Portugal, com as dificuldades que são conhecidas. Foram os anos em que a balança estava inclinada no sentido da Europa. Na atualidade é a economia brasileira que necessita de técnicos qualificados e professores, que existem em excesso em Portugal. Sem entrar em polémica sobre as recentes declarações do primeiro-ministro português a este propósito, podemos transfor-

mar estas duas dificuldades numa oportunidade para a diplomacia universitária, que pode dar uma forte contribuição para a resolução do problema.

Mas independentemente da fase em que estivermos das oscilações económicas e/ou psicológicas entre os dois Países, o Brasil assumiu definitivamente o estatuto de economia latinoamericana dominante, num espaço que é hoje a casa de mais de 600 milhões de pessoas, quase nove por cento do total da população do planeta. Cabe-nos a nós, portugueses, acreditar nas qualidades que os outros nos reconhecem e tentar tirar partido delas fazendo a síntese presente entre os nossos dois passados, no caso vertente, atravessando uma vez mais e fazendo outros atravessar a ponte entre a Europa e o Brasil, mostrando aos europeus o caminho do Brasil e aos brasileiros o caminho da Europa. A consciente assunção por parte das Universidades portuguesas e brasileiras desta realidade pode desempenhar no processo um papel de grande centralidade.

* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Professor Visitante da Universidade de Brasília

Título: Reescrever o Pós-Moderno

Autor: Jorge Figueira

Edição: Dafne

Coleção Equações de Arquitectura.
Porto 2011

Título: Margem de Certa Maneira.

O maoísmo em Portugal - 1964-1974

Autor: Miguel Cardina

Edição: Tinta-da-China. Lisboa 2011

Título: Academic Writing in Portugal. I.

Discourses in Conflict

Autora: Karen Bennett

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Investigação. Coimbra 2011

Título: A popularização

da cultura republicana

(1881-1919)

Autora: Lia Ribeiro

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção República. Coimbra 2011

Título: 1910-2010: Comunicação e

Educação Republicanas.

Coordenação: Clara Almeida Santos e

Ana Teresa Peixinho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: África Nossa.

O Império Colonial na ficção

cinematográfica portuguesa,
1945-1974

Autor: Jorge Seabra

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção Olhares. Coimbra 2011

Título: República, Republicanismo e

Republicanos. Brasil, Portugal, Itália

Coordenação: Armando Malheiro da

Silva, Maria Luíza Tucci Carneiro,

Stefano Salmi

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: Crónicas de História,

Cultura e Cidadania

Autor: João Gouveia Monteiro

Edição: Imprensa da Universidade

de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: Direitos Fundamentais

da Arena Global

Autora: Suzana Tavares da Silva

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Ensino. Coimbra 2011

Título: Música Portuguesa – panorama,

interpretação, esperanças.

Autor: José Eduardo Martins.

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: A Individuação da Sociedade Moderna

Autor: Edmundo Balsemão Pires.

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Ensino. Coimbra 2011

Título: Cálculo

Autor: Carl Djerassi. Tradução

de Mário Montenegro

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção Dramaturgo. Coimbra 2011

Título: Norma e Transgressão II

Coordenação: Carmen Soares,

Maria do Céu Fialho, María Alvarez

Morán, Rosa María Iglesias Montiel

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: Trunfos de uma geografia

activa: desenvolvimento local, ambiente,

ordenamento e tecnologia

Coordenação: Norberto Santos,

Lúcio Cunha

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: TerraVita Sadia Juvenil

Autora: Maria José Moreno

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção Descobrir as Ciências.

Coimbra 2011

Título: TerraVita Sadia infantil

Autora: Maria Helena Henriques

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção Descobrir as Ciências.

Coimbra 2011

Título: Acordo Ortográfico 2011

O que mudou no

português europeu

Autoras: Isabel Poço Lopes, Ana Teresa Peixinho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra 2011

Título: Da Bolsa e suas operações

Autor: Ruy Ennes Ulrich. 2.ª edição

revista e anotada por Maria Eugénia

Mata, David Justino e José Carlos

Rodrigues da Costa

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série Documentos. Coimbra 2011

Título: Orações de Sapiência

1548-1555

Prefácio e Organização: Sebastião

Tavares de Pinho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção Portugaliae Monumenta

Neolatina. Coimbra 2011

Título: A vida nas escolas – casos

para a formação de professores

Autoras: Teresa Pessoa e Ana

Rodríguez Marcos

Edição: Imprensa da Universidade

de Coimbra

Série Investigação. Coimbra 2011

Título: Darwin, Evolution, evolutionisms

Coordenação: Ana Leonor Pereira,

João Rui Pita, Pedro Ricardo Fonseca

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração CEIS20

Coleção Ciências e Culturas.

Coimbra 2011

Título: Três Peças Mitocríticas.

O Eunuco de Inês de Castro.

Teatro no País dos Mortos.

Vol. III

Autor: Armando Nascimento Rosa

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção Dramaturgo. Coimbra 2011

Título: O Fascismo

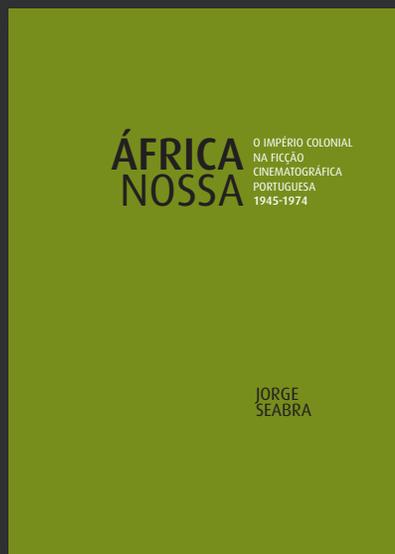
Catedrático de Salazar

Autor: Jorge Pais de Sousa

Edição: Imprensa da Universidade

de Coimbra

Série Investigação. Coimbra 2011



O L H A R E S

O lugar da criação artística, do espaço público revisitado, da estética urbana.

O espaço certo para saborear os grandes tesouros do património construído e intangível da instituição que estamos a construir desde 1290. Uma coleção em que mãos experientes e sensibilidades apuradas nos recordam que ... “não basta olhar, é preciso ver”!

Destinada a um público generalista, esta obra baseia-se na tese de doutoramento apresentada pelo autor à Universidade de Coimbra. Nela é efetuada uma análise da forma como a ficção cinematográfica produzida durante o Estado Novo retratava o império colonial, entre o final da Segunda Guerra Mundial e a queda do regime. A investigação, apoiada numa seleção de 11 obras, divide-se em três grandes temáticas: a conquista, a colonização e o regresso. A expressão “uma África, dois impérios” resume esta obra, apontando para uma visão simultaneamente luminosa e sombria dos territórios ultramarinos.



APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS

Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura.

“Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa”
e Fernando Pessoa eternizou-a: “Navegar é preciso”.

A XIV Semana Cultural da Universidade de Coimbra abrigar-se-á na pluralidade deste mote e a edição número 34 da Rua Larga junta-se à viagem.

Da necessidade de desaguar em novas paragens, do rigor dos passos no caminho percorrido, à vida no direito e no avesso do cibernundo, as possibilidades são infinitas. Oponhamos, então, Navegar e Viver: Navegar é preciso.

E Viver, não é preciso | ? |



69

RL #34 | AO LARGO
APOCALÍPTICOS
E INTEGRADOS

V I V E R É P R E C I S O ... **

Há pouco tempo, o “apocalíptico” seria o outro – o que vai proclamar que “navegar é preciso...” Eu seria o integrado. Agora, o apocalíptico sou eu. A prova provada de que o mundo está mudado. Aqui ficam, apenas, fugazes considerações. Um simples *pensatempo*, fruto da ditadura do pequeno número de caracteres.

Nos meados do século XX chega o primeiro computador electrónico e com ele vêm grandes revoluções tecnológicas... Altera-se “a forma como concebemos, pensamos e actuamos sobre o mundo a que chamamos real, por oposição ao ciberespaço”. Meios, recursos e instrumentos de informação e de comunicação - responsáveis por manifestas alterações das relações interpessoais - têm não só a pretensão de apresentar a realidade, mas ainda de a substituir (e de a ela se substituir).

Os computadores e toda a parafernália electrónica – vendedores de rua, no Paquistão, usam máquinas de calcular – preenchem a vida humana e aparecem em todo o lado (mesmo onde o Dr. Mário Soares não esteve). Estão em toda a parte: como Deus, como a Coca-Cola. (Será que há conexões entre estes fenómenos de ubiquidade?) Tecnologias, que não param de avançar, dominadas com as pontas dos dedos. Eis o maravilhamento e o milagre ao alcance de simples cliques! A navegação, sem fronteiras e sem limites. Mundos insuspeitados, infinitos. A possibilidade de conhecer e de descobrir o impensável. Mas perigos e riscos... Excessos de quem vive na Internet. (Aí o seu mundo “real”). E os que se perdem, porque navegam desbussolados e ficam agarrados a conteúdos que aprisionam. Territórios onde correm o logro e as mais desvairadas negociatas; onde se acoitam criminosos e medram crimes.

“Navegar é preciso...” foi o lema dos argonautas que navegaram à procura do velo de ouro. Tiveram o destino que escolheram. Há que desconfiar desta rapaziada, de todos os tempos, que apenas precisa de navegar. Acima de tudo – esse é o meu lema - é preciso viver. E, depois, quando se vive, talvez seja necessário navegar. Por mil e uma razões: satisfazer a curiosidade e o desejo de aventura, ter e ser mais, procurar o incerto e o longe, desvendar mistérios, perseguir sonhos e utopias; desafiar deuses e demónios, interiores e exteriores (de todo este húmus se alimenta Moby Dick).

Os portugueses, da grande epopeia das Descobertas, navegaram muito. Apagaram distâncias, chegaram aos antípodas. Muitos navegaram sem querer. Foram obrigados: porque arrebanhados, ou porque as vidas miseráveis que viviam, os levaram a fugir da miséria. Que ânsias, que mistérios e, sobretudo, que necessidades, os empurraram para tanto ousar, para tão grandes aventuras e tão trágicas desventuras?

A globalização e o capitalismo dito “financeiro” (há quem ache que pode ser moral e ético, mas teima em ser selvagem) são também fruto destas tecnologias e de todas as incontáveis navegações que elas proporcionam. (Manuel Castells não fala em “capitalismo informacional”?) E há homens - que navegaram (e navegam) em águas turvas – responsáveis por falcatruas globais e por criminosos descaminhos que muito contribuíram (e contribuem) para a tragédia que vivemos...

O cinema – proclamou-se – “vai matar a leitura”; outra vez o pânico: “Agora, com a TV é que as crianças vão deixar de ler”; depois, novamente: “Nada a fazer, passam o



dia a jogar computador...” Inquéritos realizados permitem relativizar o significado da concorrência à leitura por parte de outras práticas culturais, entre elas o “televisonamento” e a Internet. Os audiovisuais e os media não vão substituir a escrita; o que acontece é que o enriquecimento e a estimulação recíprocos têm um longo caminho a percorrer. É até de supor que leitura e “televisonamento” se potenciem. Muito do que se lê – vejam-se os escaparates dos quiosques -, lê-se por causa da TV (e em torno da TV). Não se pode confundir resistência ao livro com resistência à leitura em geral. O problema é que não se lê o que muitos professores e homens cultos queriam que se lesse. Questão a exigir estratégias que levem a escola a promover eficazmente a leitura e a escrita como práticas nucleares.

A eficaz articulação, entre técnicas audiovisuais de comunicação de massas e técnicas informáticas, veio aumentar as insuspeitadas possibilidades de todas essas tecnologias. A escola não pode deixar de usar, criteriosamente, esses meios e de assumir responsabilidades na “alfabetização” dos alunos (que vivem numa iconosfera) para as “tecnologias de informação e comunicação”. Não se esqueça, contudo, que estes saberes aproveitam muito melhor a quem domina a língua. Os “Magalhães” de pouco servirão a alunos que têm reduzidas capacidades linguísticas...

A “cientificação” da técnica e a “tecnicização” da ciência parecem imparáveis. O que falta mesmo é um novo paradigma: o que se podia fazer e onde se podia chegar, se todas estas conquistas fossem postas ao serviço do homem e da humanidade?

Agora, vão navegar, “googlar”, “twittar”, “postar”, actualizar o blogue, tratar dos amigos do “facebook”, ver o “e-mail”; encomendar a última novidade científica pela Amazon... Entretanto, eu vou viver. É preciso. Vou conviver com um grupo de amigos e saborear uns mimos gastronómicos: salpicão assado e butelo cozido com cascas (pratos da “vieille cuisine”).

Muitos de nós começámos a fazer-nos com má literatura, mas também com narrativas orais de grandes contadoras e contadores... E, ainda, fomos feitos nos bons manjares. (Os nossos bons sentimentos tinham - e ainda têm - que ver com tais consolos). É natural que estranhemos, embora tenhamos aderido, as navegações no ciberespaço. E quando, durante o convívio, falar do que escrevi, amigo, pouco dado a filosofices, vai dizer: “Deixa-te de considerações pelintras; Alberto Caeiro é que sabia quando lembrava que ‘pensar é estar doente dos olhos...’”. Depois do repasto, vou ler umas páginas. Como leitor obsessivo, continuo apaixonado pelo corpo... da letra, em suporte papel.

* Professor aposentado da Faculdade de Letras Universidade de Coimbra colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20

** Este artigo não foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.



NAVEGAR É PRECISO

ANTÓNIO GRANADO*

Navegar é preciso. A frase do general romano Pompeu nunca foi tão válida como nestes tempos que correm velozes, muito mais velozes do que poderíamos imaginar há apenas cinco ou 10 anos. É preciso navegar, explorar a rede, misturar conhecimentos, procurar respostas, comunicar saberes. A Internet é hoje um espaço de partilha universal, essencial para o avanço da ciência, da cultura, das artes, da humanidade como um todo.

Poder ler enciclopédias inteiras, visitar lugares inacessíveis, assistir a conferências em tempo real que decorrem no outro lado do mundo. Que oportunidade imensa para as gerações que nasceram neste tempo e podem desfrutar da Biblioteca de Babel, imaginada por Borges. Aquela biblioteca das galerias hexagonais, onde cabem todos os livros do mundo e onde os homens podem procurar o conhecimento de uma forma nunca antes imaginável. A Internet une hoje milhões de pessoas em todo o mundo e é um lugar onde se cruzam as mais diferentes perspetivas sobre os mais diversos temas. Mesmo em lugares remotos de África, a Internet e as conexões que ela permitiu ajudam a salvar vidas todos os dias, a juntar pessoas que trabalham voluntariamente a favor da paz, a unir quem quer lutar contra a seca, a malnutrição, as doenças infecciosas ou a degradação ambiental.

Não me venham falar dos perigos da Internet, do isolamento dos cibernautas, da obsessão do imediato. A Web, tal como foi concebida por Tim Berners-Lee, não pressupõe uma entidade que pensa à velocidade da luz, incapaz de refletir sobre si mesma. A Web é um espaço de liberdade, que avança e recua ao sabor das pessoas que tem dentro, mas que permite que cada um usufrua no seu tempo, não necessariamente instantâneo.

Navegar na Internet não é só perder-se num espaço caótico, onde o mau e o bom se misturam sem quaisquer filtros, sem fronteiras e sem moral, como defendem muitos dos seus detratores. Navegar na Internet é ganhar-se, ganhar o mundo todo num ecrã. Percorrer caminhos inexplorados, acrescentar saber ao nosso saber, contactar com realidades distintas e aprender a conviver com elas todos os dias.

A literacia dos media, e em especial da Internet, é hoje uma das mais importantes disciplinas que as escolas não podem continuar a ignorar. É necessário ensinar os mais novos sobre as vantagens deste espaço imenso e sobre as melhores formas de o utilizar. Explicar-lhes que a privacidade e a sua proteção são essenciais, que a liberdade de expressão é um dos mais elementares direitos do Homem, que roubar na Internet é tão grave como roubar fora dela.

É claro que a Internet não é, ainda, um espaço ao alcance dos mais pobres e, nessa medida, podemos dizer que não é totalmente democrática. Mas essa realidade não nos deve confundir ou impedir de lutar para mudar o estado das coisas. O acesso ao conhecimento deve ser uma prioridade em todas as regiões do planeta e em todas as comunidades, pois só com cidadãos mais informados podemos aspirar a ter uma sociedade mais justa e solidária.

Fernando Pessoa, que repete a frase de Pompeu num dos seus muitos poemas, acrescenta-lhe uma outra interpretação fundamental: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar.” Desenvolvamos pois, todos juntos, uma Internet sem barreiras inúteis à partilha de informação, capaz de unir os saberes para os fazer progredir, verdadeiramente livre e universal. Nessa Internet, será então possível criar um mundo novo em todos os sentidos. Ou criar simplesmente, como preconiza Pessoa.

* Professor universitário, jornalista e editor de multimédia da RTP.



Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Não deixe de nos contactar, caso necessite de algum esclarecimento adicional, ou para o estabelecimento de futuras colaborações, A/C Dr.ª Isabel Marques:

REDE UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Fundação Cultural da Universidade de Coimbra
Palácio Sacadura Botte
Rua dos Coutinhos, 23
3000-129 Coimbra – Portugal
antigos-estudantes@uc.pt
Tlf: +351 239 853 062

© UC • DIIC 2012



USE AS ESCADAS

Uma iniciativa da UC para:

- sensibilizar a comunidade universitária a incorporar atividade física na sua rotina diária
- diminuir o impacto ambiental decorrente da utilização de elevadores.

Saiba mais em www.uc.pt/gesasst/useasescadas

© UC • DIIC 2012 • FOTO: AB

cinema

desporto

música

teatro

crianças

exposições

dança

livros

cursos/conferências

agenda7

agenda7.uc.pt/agenda7

N

AVEGAR
É PRECISO,
VIVER
NÃO É
PRECISO!?

ARTES PLÁSTICAS | CINEMA
COLÓQUIOS | DANÇA | DESPORTO
EXPOSIÇÕES | MÚSICA
TEATRO | WORKSHOPS
WWW.UC.PT/SEMANACULTURAL
WWW.AGENDA7.UC.PT

1 MARÇO | 4 JULHO 2012
XIV SEMANA CULTURAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
722 ANOS DA UC